

# OXIGÊNIO

MARÇO 2023



NÚMERO 43

IMAGINE PICASSO  
a exposição imersiva



# EDITORIAL

Em tempos de perplexidade, ter a chance de “*mergulhar nas profundezas das pinturas e observar 200 obras-primas de Picasso em todos os seus detalhes*”, é um privilégio. Sobretudo se não houver necessidade de fazer uma viagem internacional para realizar esse feito. É o caso: *Imagine Picasso* – a maior mostra imersiva do Mestre da Arte Moderna – está no MorumbiShopping, em São Paulo.

“*A exposição é uma forma de olhar a arte com novos olhos*”, disse Androula Michael, curadora especializada no trabalho de Picasso. Trata-se de um projeto cultural único, com abordagem artística em *Image Totale*, que colocam o espectador nas profundezas das pinturas.

A OXIGÊNIO REVISTA registra a grandiosidade da mostra do único artista moderno cujas obras são classificadas como tesouros nacionais e proibidas de circular e serem emprestadas, como, por exemplo, *Les Femmes d'Alger (O Jogo)* (1907) e *Guernica* (1937) – obras consideradas obras-primas semelhantes à *Mona Lisa* de Leonardo Da Vinci.

Um outro convite, no mês em que se celebra o “*Dia Internacional das Mulheres*”, é conhecer a grandeza dos retratos vitais de Alice Neel, artista americana que tem sua maior exposição em cartaz no Barbican Art Gallery, Londres.

Corajosa, contestadora, em sua longa carreira pintou radicais negros, acadêmicos, comunistas, intelectuais, amantes, queers, famílias e crianças latinas do Harlem espanhol e Cuba. Por celebrar em suas obras as comunidades marginalizadas, ficou conhecida como a pintora da corte do Underground. Era uma humanista radical e fervorosa promotora de justiça social.

BOA LEITURA.

Foto de capa: Exposição imersiva “*Imagine Picasso*” / *Still* do teaser da mostra

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone

Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato

Colaborador: Bruno Calixto

(21) 3807-6497 / 97326-6868 | [oxigeniorevistabr@gmail.com](mailto:oxigeniorevistabr@gmail.com) | [www.oxigeniorevista.com](http://www.oxigeniorevista.com)

ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.

# ÍNDICE

04

**OXIGENE:** “*Outras Marias*” volta aos palcos na reabertura do Teatro Glauce Rocha, no Rio de Janeiro, a partir do dia 3 | *Enquanto você voava, eu criava raízes*, no Sesc Santo Amaro, SP | “*Uma mulher ao sol*”, no Teatro Poeirinha, Rio de Janeiro | “*Nem sim, nem não*”, na capital carioca | Daniel Dantas e Letícia Sabatella estreiam “*Ilíada*” de Homero

18

**MATÉRIA DE CAPA:** *Imagine Picasso* – A exposição Imersiva

24

**GASTRONOMIA:** Sete notas gastronômicas de SP que prometem em 2023

29

*Dialetos do Firmamento* – Cortejo abre exposição coletiva na Anita Schwartz Galeria de Arte, RJ, às 19h do dia 2

33

*Uma Visão da Arte* – Centenário de Franco Terranova e o legado da Petite Galerie na Danielian Galeria, RJ

37

“*Quanto Pior, Pior*”, de Fernando Lindote, no Instituto Tomie Ohtake, SP

41

“*A Árvore da Vida*”, de Carmézia Emiliano e “*Mahku – Mirações*”, do Movimento dos artistas Huni Kuin abrem a temporada 2023 do MASP

48

**DIRETO DE LONDRES:** *Alice Neel hot off the griddle* – Retratos extraordinários e vitais compõem a retrospectiva da artista na Barbican Art Gallery

54

“*Ofensiva*” – Ativismo feminino é tema de individual inédita da artista visual, muralista e ilustradora Priscila Barbosa no Sesc Niterói / RJ

57

Marisa Monte, Alcione e Orquestra Sinfônica da Bahia participam da 9ª Edição do *Música em Trancoso* – MET

60

Em São Paulo, exposição de artesãos da Semana Criativa de Tiradentes

63

“*A Puta Religiosa*”, terceiro romance da escritora Lilia Refle, será lançado dia 1º de abril



Clara Santhana

Foto: João Saidler

## Musical

### “OUTRAS MARIAS”

volta aos palcos

na reabertura

do Teatro

Glauce Rocha,

Rio de Janeiro,

a partir do dia 3

*A peça conta a história de sete Marias que deixaram um legado de luta e transformação social. O espetáculo nasceu de pesquisa da atriz e cantora Clara Santhana, que vive Clara Nunes no palco há 10 anos e dá continuidade ao seu trabalho sobre a trajetória de mulheres fortes*



Clara Santhana  
Foto: Ariel Cavotti

Sete mulheres de povos, culturas e tempos diferentes se encontram no teatro. Maria Padilha de Castela, Maria Quitéria, Maria Felipa de Oliveira, Maria Doze Homens, Maria Bonita, Maria Navalha e Maria Mulambo entrelaçam suas histórias de luta e liberdade no musical *“Outras Marias”*. Com texto de Márcia Zanelatto e direção de Patrícia Selonk, a peça, que estreou com sucesso e elogios no ano passado, ganhou o Selo de Qualidade, criado por Gilberto Bartholo em 2022, e foi indicada em duas categorias no prêmio do site Musical Rio 2022 (Melhor atriz – Clara Santhana e Selo Musical.Rio – Outras Marias).

O espetáculo foi construído a partir de uma pesquisa extensa, quando a atriz Clara Santhana notou a escassez de material sobre mulheres que tiveram a coragem de romper com padrões normativos, como Maria Bonita e Maria Felipa de Oliveira (que lutou pela independência da Bahia em 1823), Maria 12 Homens e as Marias que se tornaram divindades em cultos de origem brasileira e matriz africana, como as Marias Mulambo, Navalha, a portuguesa Quitéria e a mais conhecida delas, Maria Padilha – amante de um monarca no antigo reino de Castela e que foi coroada depois de morta.

*“Essas sete mulheres têm em comum, além do nome, o fato de serem mulheres transgressoras. Elas são de povos diferentes, culturas diferentes, viveram em tempos diferentes, mas representam a mulher livre. São arquétipos de mulheres livres, que vão numa trajetória oposta à de Maria de Nazaré, que representa o arquétipo da grande mãe e da mulher casta, que é mais aceita na sociedade. As nossas Marias rompem com os padrões normativos”, explica Clara Santhana.*

A atriz Patricia Selonk fez sua estreia como diretora nesta montagem. A dramaturgia é de Marcia Zanelatto, com quem Clara volta a trabalhar; a direção musical é de Claudia Elizeu e a direção de movimento é assinada por Cátia Costa.

*“Além das personagens femininas, o projeto tem muitas mulheres na sua equipe de criação. Foi bom demais ter essa mulherada junta na sala de ensaio. Como diretora, optei por levantar algumas questões fundamentais e buscar possibilidades de respostas. Como fazer fluir essas histórias? Como juntar em uma peça tantos saberes compartilhados em nossas conversas nos ensaios? Várias das histórias escolhidas por Clara vêm da*

*tradição oral, não têm fontes de pesquisa formal abrangente”, revela a diretora.*

Patricia conta que foram as personagens, que a ensinaram por onde ir: *“Falamos de mulheres que, a seu modo, chacoalharam as coisas. Elas se apropriaram tanto de si que fizeram feitos fabulosos. Todas inventaram formas de existir com o que tinham no agora. Acho que foram elas que me apontaram o caminho, que me levaram a ouvir, ouvir, abrir a percepção e trabalhar com o que tinha no agora da sala de ensaio, sem esperar as condições ideais, a maturidade de diretora, o saber exatamente o que fazer”.*

As histórias de vidas dessas Marias sustentam a narrativa resulta da costura entre textos falados e cantados. Alguns deles são célebres como *“Olha, Maria”*, música de Tom Jobim letrada por Vinicius de Moraes e Chico Buarque, e *“Saías e cor”*, parceria de Ana Costa e Zélia Duncan. Essas canções misturam-se a ladainhas e a pontos e louvores às entidades religiosas, como *“Arreda homem”* e *“Pra ser rainha”*, ambos de domínio público. Um dos temas é a inédita *“Brinca, Maria”*, composta pelo professor Luiz Antônio Simas, um dos grandes estudiosos do samba e da africanidade no país.

As sessões serão de sexta a domingo, às 19h. No dia 4 de março, o espetáculo vai receber espectadoras atendidas por dois centros de apoio a mulheres em situação vulnerável: Redeh (Centro de Desenvolvimento Humano) e o Centro Cultural Tupiara, na Cidade de Deus. Além disso, estarão presentes alunos do Norte Teatral,

projeto de ensino de Teatro para jovens de comunidade e estudantes de rede pública, com aulas no Teatro Miguel Falabella, sob a coordenação do professor Leandro Castilho, ator da Cia Atores de Laura. Após a sessão, haverá uma roda de conversas entre a equipe de criação, as mulheres e os jovens.

### SERVIÇO

#### Musical *“Outras Marias”*

*Temporada:* de 3 a 26 de março

Teatro Glauce Rocha

Av. Rio Branco, 179, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 2220-0259

*Dias e horários:* sexta a domingo, às 19h

*Lotação:* 202 lugares | *Duração:* 1h10

*Classificação:* 12 anos

*Ingressos:* R\$ 40 (inteira) e R\$ 20 (meia-entrada)

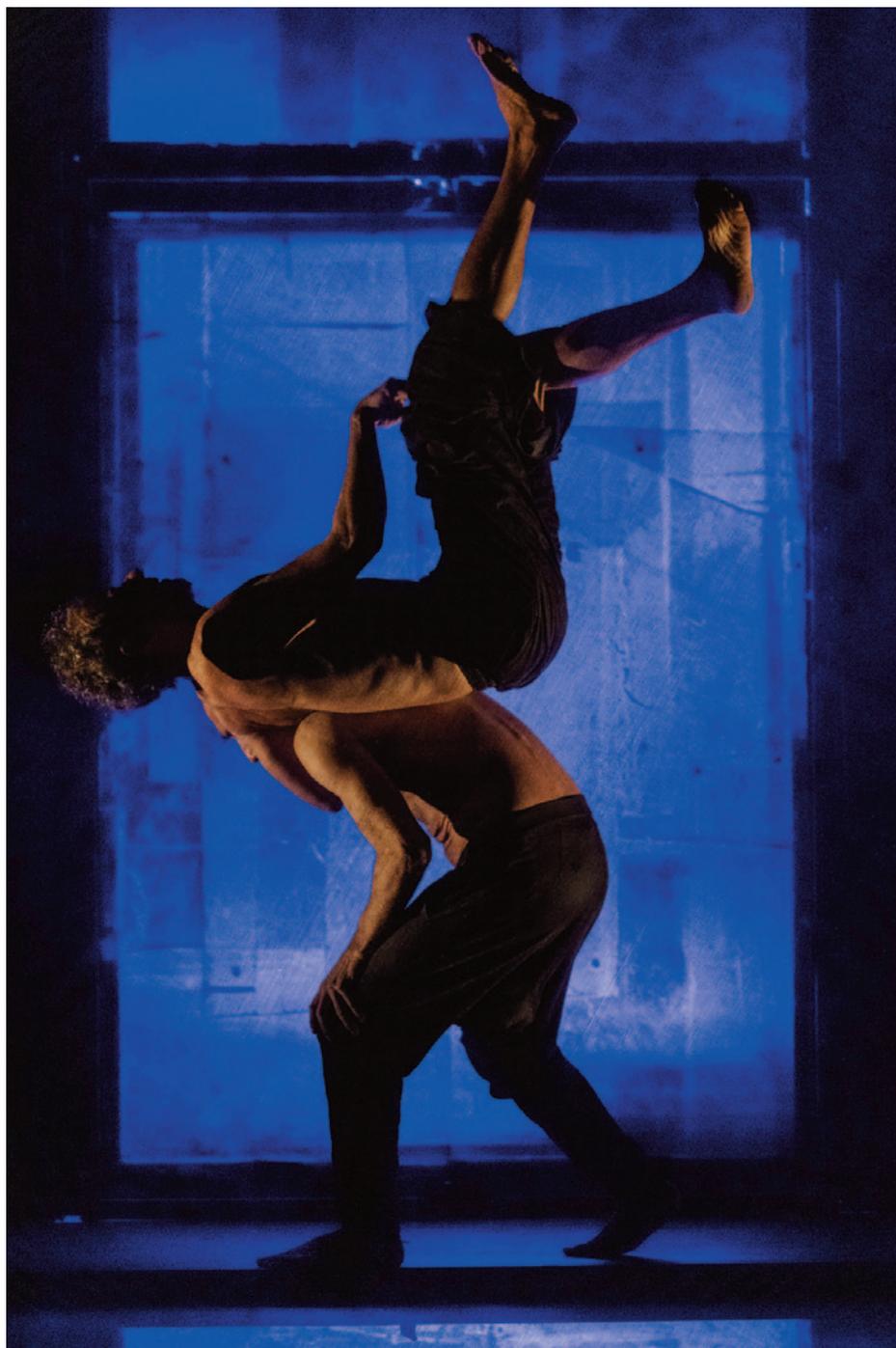


Clara Santhana

Foto: Ariel Cavotti

# ENQUANTO VOCÊ VOAVA, EU CRIAVA RAÍZES

*Espectáculo no Sesc Santo Amaro, SP, comemora os 25 anos da Cia. Dos à Deux, nascida na França e hoje com sede no Rio de Janeiro. Indicado em diversas categorias ao Prêmio Shell e ao Prêmio Cesgranrio de Teatro, a partitura de corpos traça uma jornada interna de conhecimento e dor*



Cia. Dos à Deux

Foto: Renato Mangolin



Foto: Renato Mangolin

André Curti e Artur Luanda Ribeiro iniciaram há 25 anos, em um encontro na França, um percurso particular entre as artes cênicas brasileiras. Em 1998, o primeiro espetáculo criado em parceria – *Dos à Deux*, que mais tarde deu nome à companhia – foi inspirado na obra *Esperando Godot*, de Samuel Beckett, e apontou um modo de pesquisa teatral e coreográfica característica até hoje dos dois artistas: precisão dos gestos em diálogo afinado com os recursos visuais e grande imaginação cênica.

O mais recente espetáculo da dupla, *Enquanto você voava, eu criava raízes*, traz esse arranjo para tratar o medo como um propulsor, um sentimento, uma sensação que nos paralisa, mas também nos lança para outros caminhos. Com realização do SescSP, pela primeira vez na cidade, o trabalho faz temporada no Sesc Santo Amaro, de 3 de março a 2 de abril, de sexta a domingo. O espetáculo estreou no Rio de Janeiro em

2022 e cumpriu três temporadas de sucesso na cidade (Teatro Oi Futuro, Teatro Firjan SESI Centro e no Centro Cultural Sérgio Porto), com todas as sessões esgotadas.

Sem uma dramaturgia linear, *Enquanto você voava, eu criava raízes* tem diversas cenas, que se completam e transitam entre o onírico e a realidade. O corpo é o guia da partitura e a fonte de leitura do trabalho. Por ele, mergulhamos nessa pesquisa da dupla de artistas sobre esse tema que acompanha o ser humano ao longo de sua vida, o medo e sua transformação.

Como nos outros trabalhos, a linguagem gestual é criada a partir do tema abordado pelos dois. “Para mim, nesse espetáculo, ficamos na beira do abismo desde o início”, diz André. “São os abismos que temos dentro de nós, essa sensação de vazio permanente, de que há algo dentro se abrindo e um outro eu está caindo dentro da gente”, completa Artur.

A narrativa visual acontece na relação precisa entre imagens, fisicalidade e virtuosidade. Na cena, dois corpos que se fundem e se perdem. “*Nos estranhamos tanto a ponto de nos perdermos no próprio reconhecimento?*”, indagam os artistas. As imagens dos corpos são marcados pela dor e pesar, mas ainda assim há um seguir em frente. Uma tela se interpõe entre plateia e artistas e cria o ilusionismo: corpos se fundem, se prolongam, ficam em partes ou menores; equilibram-se no ar ou entre si.

É um espetáculo sensorial que trata de múltiplos medos, “*espaços íntimos de sensações*”, como disseram os criadores. Na sequência de cenas, alguém parte e outro fica. Dois pontos que se completam como processo de conhecimento. Um corpo que se levanta e é cuidado para prosseguir.

As imagens projetadas, criadas pelo diretor de fotografia Miguel Vassy e pela artista plástica Laura Fragoso, dialogam com a dramaturgia, assim como a música original de Federico Puppì. Os artistas André Curti e Artur Luanda Ribeiro são responsáveis pela dramaturgia, cenografia, coreografia, direção e performance.

## CIA. DOS À DEUX

A companhia franco-brasileira de teatro gestual arrebatou plateias em mais de 50 países, com mais de três mil apresentações por toda a Europa, África Central, Ásia, Polinésia Francesa, Emirados Árabes e América do Sul. O repertório é formado por onze espetáculos: *Dos à Deux* (1998), *Je suis bien moi* (2000), *Fulyo* (2000), *Aux pieds de la lettre* (2002), *Saudade em terras d’água* (2005), *Fragmentos do desejo* (2009), *Ausência* (solo com Luís Melo, de 2012), *Dos à Deux – 2º ato* (2013), *Irmãos de sangue* (2013), *Gritos* (2016) e *Enquanto você voava, eu criava raízes* (2022).

**Espaço Cultural** – Depois de mais de duas décadas instalada na França, em 2015, a Companhia retornou ao Brasil. Artur e André reformaram um antigo cortiço construído em 1846, no bairro da Glória, no Rio de Janeiro. O espaço, além de abrigar a companhia, vem se estabelecendo como um local para oficinas e residências artísticas de grupos nacionais e internacionais.

Mais sobre a Cia:

[www.dosadeux.com](http://www.dosadeux.com)

Instagram: [@ciedosadeux](https://www.instagram.com/ciedosadeux)

Facebook: [dosadeux](https://www.facebook.com/dosadeux)

## SERVIÇO

**Enquanto você voava, eu criava raízes**

*Temporada:* 3 de março a 2 de abril

Sextas, às 21h; sábados, às 20h e domingos, às 18h

*Local:* Sesc Santo Amaro – Rua Amador Bueno, 505, Santo Amaro / SP – Tel.: (11) 5541-4000

*Ingressos:* R\$ 40 / R\$ 20 / R\$ 12

*Capacidade:* 279 lugares – \*Unidade acessível

*Duração:* 55 min | *Classificação indicativa:* 18 anos

Foto: Renato Mangolin





Maria Augusta Montera (esq.) e Danielle Oliveira

Foto: Dalton Valério

## “UMA MULHER AO SOL” no Teatro Poeirinha, Rio de Janeiro

*Com direção e organização dramática de Ivan Sugahara, o espetáculo expõe sensações e pensamentos provocados por longos períodos de reclusão. A peça, inspirada no livro “Hospício é Deus”, é também o desdobramento de uma pesquisa artística sobre saúde mental, realizada pela atriz Danielle Oliveira há seis anos. A nova temporada começa no dia 2*

Quais são as relações possíveis de estabelecer entre o confinamento em instituições psiquiátricas e a reclusão experimentada por todos nós em 2020 e 2021 na pandemia de Covid-19? Como ressignificamos a vida em isolamento sem sucumbir à depressão e à melancolia? A partir desses questionamentos, o *Projeto Trajetórias* (formado pelo diretor Ivan Sugahara e pela atriz Danielle Oliveira) idealizou o espetáculo *“Uma Mulher ao Sol”*.

A peça se debruça sobre a vida e a obra de Maura Lopes Cançado (1929-1993), escritora mineira, radicada no Rio de Janeiro, que passou longos períodos em manicômios. A montagem estreou na programação da Ocupação Artística sobre a saúde mental *“Lugar de Cabeça Lugar de Corpo”*, realizada no Oi Futuro de maio a junho de 2022. Em julho, fez sua estreia internacional no Festival de Avignon (França), um dos maiores festivais de teatro do mundo, com ótima repercussão entre o público, além de críticas elogiosas em jornais locais.

Com direção e organização dramatúrgica de Ivan Sugahara, a montagem é construída a partir de fragmentos do primeiro livro de Maura, *“Hospício é Deus”* (1965). Filha de uma abastada família de Minas Gerais, a escritora mudou-se para o Rio de Janeiro em 1950. Publicou contos no *Jornal do Brasil* e no *Correio da Manhã* e, em 1958, passou a integrar a equipe do suplemento dominical do *Jornal do Brasil*, ao lado de Cony, Ferreira Gullar, Reynaldo Jardim, Assis Brasil, entre outros nomes importantes do jornalismo e da cultura na cidade. Porém, a instabilidade emocional sempre a levava de volta ao mesmo lugar: o hospício.

Os dois livros de Maura, *“Hospício é Deus”* e *“O Sofredor do Ver”*, foram publicados em 1965 e 1968, respec-

tivamente. Com uma narrativa forte e precisa, obtiveram grande reconhecimento de crítica na época, porém sem muito retorno financeiro. Em *“Hospício é Deus”*, que guia a peça, a autora conta em detalhes uma de suas internações no Centro Psiquiátrico Nacional, localizado no Engenho de Dentro (Rio de Janeiro). A narrativa acompanha desde a sua autointernação, em outubro de 1959, até a saída em março de 1960. No elenco, estão as atrizes Danielle Oliveira e Maria Augusta Montera, que interpretam a escritora e também a si mesmas em um apurado trabalho corporal.



Maria Augusta Montera e Danielle Oliveira

Foto: Dalton Valério

## PESQUISA SOBRE SAÚDE MENTAL

Há seis anos, Danielle pesquisa o tema da saúde mental. Em 2017, idealizou o experimento cênico *“Lugar de Cabeça Lugar de Corpo”* a partir de relatos de pessoas que vivenciaram a experiência manicomial, como Stela

do Patrocínio, Bispo do Rosário, Lima Barreto e Maura Lopes Caçado. O projeto foi realizado até 2019 no Espaço Travessia, centro de arte e cultura localizado no hospital onde Maura esteve internada – atual Instituto Municipal Nise da Silveira – sendo apresentado para usuários e funcionários da rede de saúde mental e visitantes.

*“Pouco antes da pandemia, eu e o Ivan já tínhamos decidido trabalhar com a obra de Maura Lopes Caçado. Em 2020 e 2021, durante o isolamento, vivendo no mesmo apartamento, começamos a associar a nossa experiência com a clausura vivenciada por Maura em suas diversas internações. E, assim, começamos a idealizar um espetáculo que reflete muito sobre nossa vivência interior e joga uma nova luz sobre saúde mental”,* descreve Danielle. *“O espetáculo realça a natureza teatral dos escritos de Maura. Se durante a pandemia livros, séries, filmes e músicas foram grandes aliados no enfrentamento da reclusão, Maura também recor-*

*reu à arte como forma de subverter o isolamento. Em sua literatura, além de retratar de modo duro a experiência manicomial, ela reflete sobre a própria criação literária e faz inúmeras referências a livros, filmes, peças e óperas. Mais do que isso, parece fazer ficção a partir de sua experiência no hospício, enxergando-se e portando-se como uma personagem”,* comenta o diretor Ivan Sugahara.

### SERVIÇO

#### Espectáculo *“Uma mulher ao sol”*

*Temporada:* de 2 de março a 30 de abril

Teatro Poeirinha – Rua São João Batista, 104, Botafogo, Rio de Janeiro / RJ – Tel.: (21) 2537-8053

*Dias e horários:* quinta a sábado, às 21h, e domingo, às 19h

*Ingressos:* R\$ 60 (inteira) e R\$ 30 (meia-entrada)

*Lotação:* 41 pessoas | *Duração:* 1h20 | *Classificação:* 16 anos

*Venda de ingressos:* na bilheteria no teatro e pelo site Symppla <https://bileto.sympla.com.br/event/80203/d/180207/s/1220024>



Maria  
Augusta  
Montera  
e  
Danielle  
Oliveira  
Foto:  
Dalton Valério

# No Rio de Janeiro, "NEM SIM, NEM NÃO"



Viviana Rocha e Hernane Cardoso

Foto: Alexandre Mofati

*Comédia infantil que trata de assuntos como tolerância, autoridade e autoestima em tempos de relativização da verdade tem direção e texto de Pedro Cardoso e Graziella Moretto. O espetáculo estreia temporada em palcos cariocas no EspaçoTápias, dentro do Palco Carioquinha, e integra o circuito do Festival Dança em Trânsito*

"*Nem sim, nem não*" é uma comédia infantil para toda família. A peça conta a história de uma jovem que começa a trabalhar cedo como empregada doméstica para ajudar a família, como tantas no Brasil. A menina consegue dois empregos. O primeiro é numa casa onde tudo pode: a "Casa do Sim". Até o que não pode, lá pode. O segundo emprego é na "Casa do Não", onde tudo é proibido, principalmente dizer sim. A moça, que desenvolve a criação e contação de histórias em seu trabalho de cuidar de crianças, busca arquitetar uma solução para a convivência com famílias de opiniões tão diferentes! "*Nem Sim, Nem Não*" é uma fábula sobre a polarização excessiva das opiniões.

### **SOBRE O DANÇA EM TRÂNSITO**

Há 20 anos, o projeto Dança em Trânsito reúne apresentações artísticas, formação, capacitação, reflexão e intercâmbio entre grupos de dança de diversas cidades do Brasil e do mundo. O festival, realizado em circuitos, possibilita trocas de experiências entre artistas nacionais e internacionais convidados, e incentiva o desenvolvimento das linguagens da dança. Este ano apresenta o projeto Palco Carioquinha, com peça de teatro e espetáculo de dança para os pequenos.

### **SOBRE O ESPAÇO TÁPIAS**

O novo Espaço Tápias, inaugurado em 2022 na Barra da Tijuca, bairro da zona oeste do Rio de Janeiro,

nasceu com o propósito de dar oportunidades e realizar sonhos. O Espaço disponibiliza salas para aulas e uma sala para espetáculos e outros encontros envolvendo arte – a Sala Maria Thereza Tápias. É uma organização que tem como proposta favorecer, divulgar e oportunizar a dança, com foco na dança contemporânea e em seus segmentos.

A disposição para incentivar a criação, para promover performances, estimular talentos, e fomentar pesquisas são posturas e projetos valiosos para quem se dedica à dança, e permeiam todas as ações do espaço. Com a nova sede, contribui para o desenvolvimento e a expansão da dança, com ênfase na dança contemporânea, no Brasil e no mundo.

### **SERVIÇO**

Festival Dança em Trânsito 2023

**Espectáculo "*Nem Sim, Nem Não*"**

*Local:* Sala Maria Thereza Tápias – Espaço Tápias

Palco Carioquinha (Teatro infantil)

Av. Armando Lombardi, 175, 2º andar, Barra da Tijuca, Rio de Janeiro / RJ

Dias 4, 5, 11, 12, 18 e 19 de março – sábados e domingos

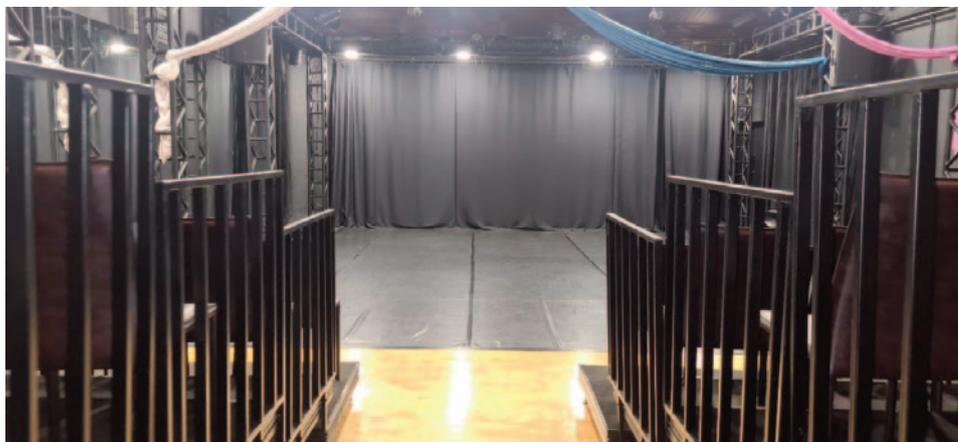
*Horário:* 16h

*Duração:* 50 minutos

*Classificação:* Livre

*Ingressos\*:* Inteira 30 / Meia 15

\*pela plataforma SYMPLA



Espaço Tápias  
Foto: Acervo pessoal



Letícia Sabatella e Daniel Dantas

Fotos: Gilson Camargo

## DANIEL DANTAS E LETÍCIA SABATELLA ESTREIAM “ILÍADA”, DE HOMERO

*A partir do dia 3, no Teatro XP, Rio de Janeiro, os atores apresentam dois cantos da Ilíada – Canto 1: o estabelecimento do conflito interno entre os gregos e suas motivações; e o Canto 20: com o retorno triunfal e implacável do herói ao campo de batalha. A direção é de Octavio Camargo para tradução de Manuel Odorico Mendes*

A montagem, em curtíssima temporada até 2 de abril, surgiu no ano passado, quando Daniel Dantas e Letícia Sabatella apresentaram os dois Cantos da Ilíada na abertura do 32º Festival de Inverno da Universidade Federal do Paraná (UFPR). O texto integra o repertório da Cia Ilíadahomero de Teatro, fundada por Octavio Camargo em 1999 naquele Estado; no espetáculo, os Cantos 1 e 20 – que são interpretados em sequência pelos atores, ligam, em visão sinóptica, dois momentos epifânicos do poema heroico.

Recitada em festivais na antiguidade por séculos e matéria-prima essencial para a educação no mundo grego, a Ilíada é considerada a obra fundadora do pensamento ocidental.

### **SOBRE ILÍADA, DE HOMERO**

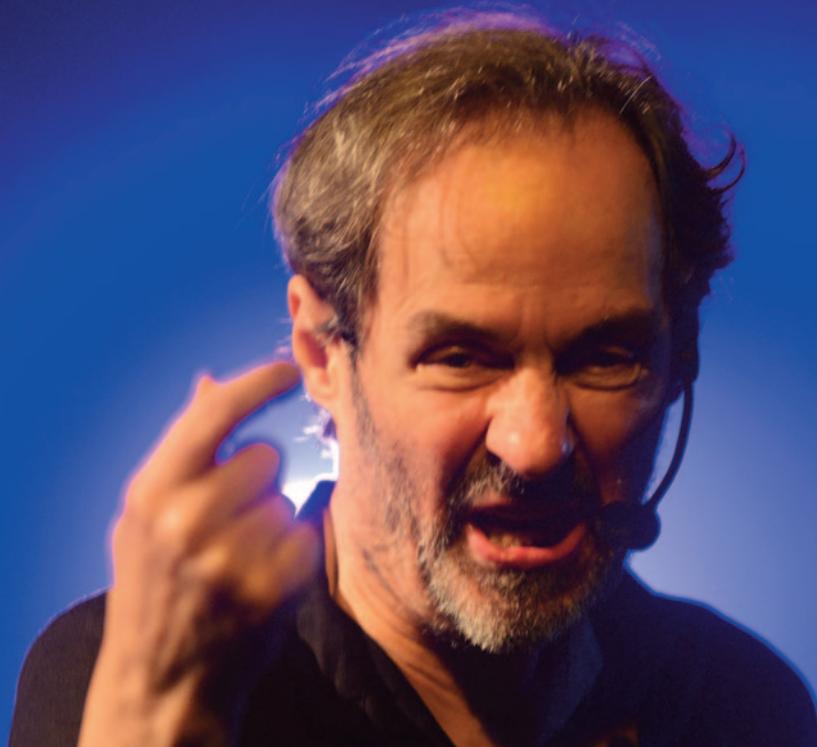
Epopéia sobre a Guerra de Troia, travada entre gregos e troianos no séc. XIII a.C., a obra Ilíada foi escrita por

Homero, poeta da Grécia Antiga, entre 800 e 700 a.C., e descreve os acontecimentos do último ano da guerra que, segundo a tradição, teria durado dez anos, até a Grécia derrotar Troia.

A Guerra de Troia teve início com o rapto de Helena, mulher de Menelau, rei de Esparta. Ela foi raptada por Páris, filho de Príamo, rei de Troia. O irmão de Menelau, Agamenon, chefiou um exército de heróis gregos para tirar Helena de Troia e levá-la de volta a Esparta. Irritado com Agamenon, o jovem herói Aquiles, filho do rei da Tessália e de uma ninfa, retira-se da batalha. Ele acredita que não está sendo adequadamente recompensado por seus serviços aos gregos.

A guerra prossegue sem Aquiles e os gregos são expulsos pelo exército de Troia, comandado por Heitor, outro filho do rei Príamo. O mais próximo amigo de Aquiles, Pátroclo, vai lutar para ajudar os gregos, sendo assas-

Fotos: Gilson Camargo



sinado por Heitor. A morte do amigo desperta a ira e o desejo de vingança de Aquiles, que esquece as divergências com os gregos e volta para a batalha. Os troianos são acudados e buscam abrigo dentro dos muros de Troia. Heitor fica fora e é morto por Aquiles, que arrasta seu corpo ao redor do túmulo de Pátroclo e depois o entrega ao rei troiano. A história termina com o funeral de Heitor.

### SOBRE A CIA ILÍADAHOMERO DE TEATRO

A Cia Iliadahomero de Teatro, criada em 1999 por Octavio Camargo e 24 atores paranaenses, tem por objetivo a encenação do texto integral da Ilíada e da Odisseia de Homero na tradução de Manoel Odorico Mendes, e de outras obras literárias de interesse universal.

### SOBRE MANUEL ODORICO MENDES

Nascido em São Luiz do Maranhão em 1799, foi jornalista, político, tradutor e poeta brasileiro. De família tradicional, viveu na Europa para estudar, a partir dos

dezessete anos. Morreu em Londres no ano de 1864. Reconhecido por suas traduções para o português da obra completa do poeta romano, Virgílio, e da tradução em verso da Ilíada, de Homero, em 1874. Odorico Mendes, como é conhecido, foi o primeiro tradutor da obra do pensador Grego para o português.

### SERVIÇO

**Espectáculo *Ilíada, de Homero,***

**com Daniel Dantas e Letícia Sabatella**

*Local:* Teatro XP – Jockey Club da Gávea  
Avenida Bartolomeu Mitre, 1110B, Leblon,  
Rio de Janeiro / RJ – Tel.: (21) 3807-1110

*Temporada:* 3 de março a 2 de abril

*Horários:* sextas e sábados às 20h | domingos 19h

*Ingressos:* R\$ 80,00 (inteira) e R\$ 40,00 (meia-entrada)

*Vendas:* SYMPLA

<https://bileto.sympla.com.br/event/80297>

*Classificação indicativa:* 12 anos

*Duração:* 70 minutos

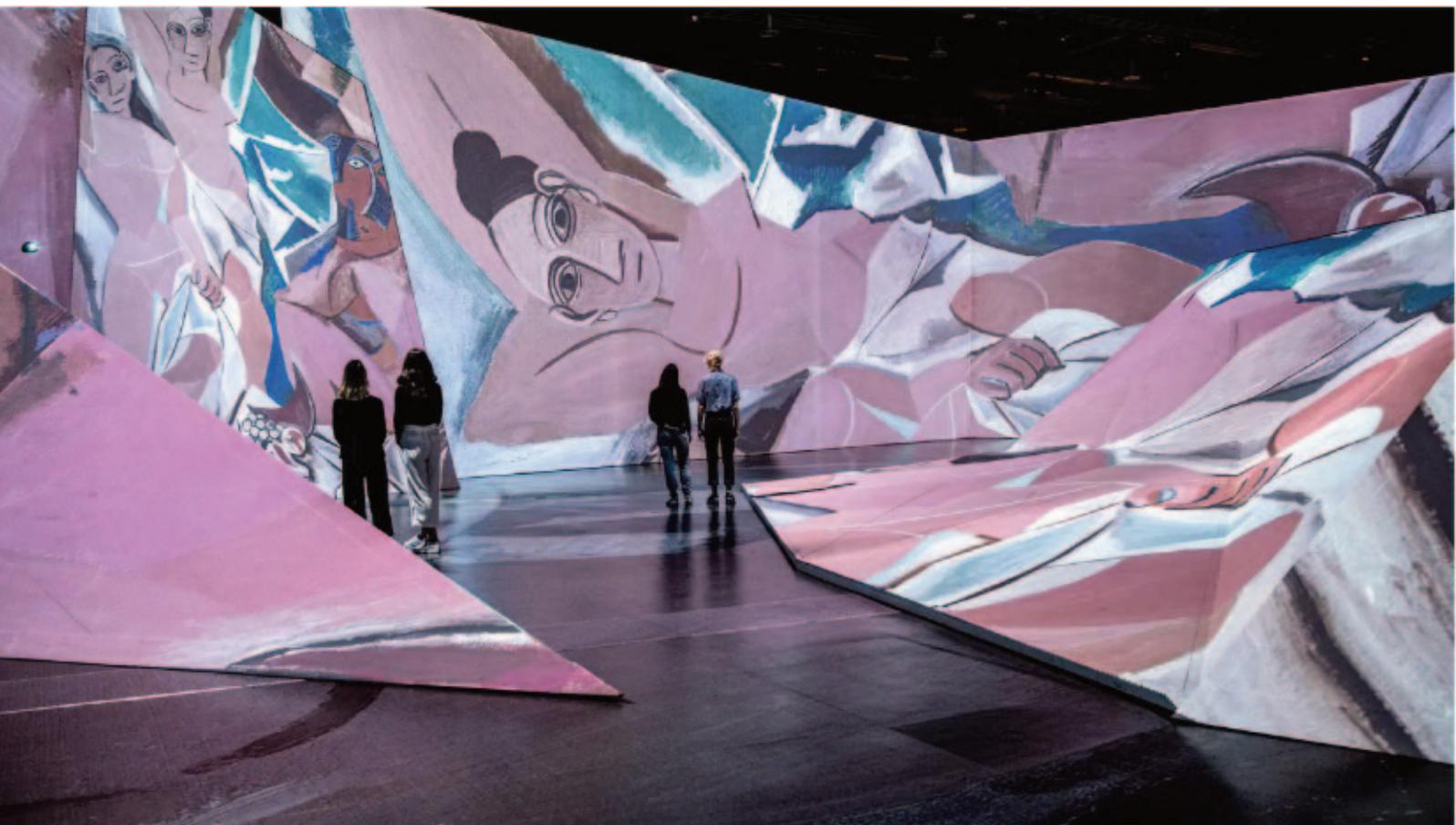
*Capacidade:* 366 lugares



The background of the image shows an immersive exhibition space. Large, translucent blue panels are arranged in a circular or semi-circular pattern, creating a tunnel-like effect. The panels are illuminated from within, casting a soft blue glow. Several people are visible in the distance, standing on a dark floor, looking at the projections. The overall atmosphere is futuristic and artistic.

IMAGINE  
**PICASSO**  
A EXPOSIÇÃO IMERSIVA

*Mais de 200 obras-primas em exposição imersiva do artista espanhol consagrado como um dos mais influentes do século XX. A seleção, impossível de ser reunida fisicamente no mesmo lugar ao mesmo tempo, é exibida no MorumbiShopping, São Paulo*



Nesta página e na anterior: *Stills* do teaser da mostra

A mostra, que chega à capital paulista no dia 9, já foi apresentada em Lyon (França), Quebec e Vancouver (Canadá), Atlanta e San Francisco (EUA) e Madrid (Espanha), sendo sucesso de público em todas as cidades. As pinturas projetadas em *Ima-*

*gine Picasso* são provenientes de coleções de museus como o *Musée National Picasso* de Paris, o *Museo Picasso* de Barcelona, o *MoMa* de Nova York, o *Pushkin Museum* de Moscou e também de coleções particulares.

Resultado de um encontro entre Annabelle Mauger, pioneira da arte imersiva, e Rudy Ricciotti, *Grand Prix National d'Architecture* na França, ambos fascinados por Picasso, a exposição conta ainda com o talento de Julien Baron, responsável pela espetacular cenografia inspirada na ternura com que Picasso via a infância. A imagem é projetada em gigantescos origamis, com o objetivo de desconstruir e reestruturar o trabalho do Mestre de Arte Moderna.

*“Pedagógica em substância e emotiva em forma, essa exposição é uma forma de olhar a arte com novos olhos”,* disse Androula Michael, curadora especializada no trabalho de Picasso. *“O objetivo da mostra imersiva, acessível a todos, independentemente da idade, língua*

*ou cultura, é abrir o espaço para a emoção, o sonho e a contemplação para todos, mesmo os mais jovens”.*

Ao escolher seu próprio itinerário ao lado dos quadros, os visitantes podem experimentar o trabalho de Picasso em toda a sua grandeza, deixando-se levar sem prestar atenção à inovação tecnológica escondida atrás de uma exposição como essa.

### PROJETO CULTURAL ÚNICO

A abordagem artística em *Image Totale*, concebida por Annabelle Mauger e Julien Baron, mergulha o espectador nas profundezas das pinturas, permitindo-lhe explorar todos os seus detalhes. As obras são liberadas de seus quadros para ocupar o espaço em um fluxo contínuo.

*Still* do teaser da mostra





*Stills do teaser da mostra*



Completamente no escuro, exceto pela luz que emana das próprias obras, cada visitante experimenta a exposição de uma maneira diferente. A liberdade de escolher seu caminho faz dele ou dela um observador que pode levar tanto tempo quanto desejar para olhar em qualquer direção e imergir-se no trabalho de Picasso.

A projeção é acompanhada por peças musicais de Satie e Ravel, contemporâneos de Picasso, mas também por compositores de nosso tempo. A música enriquece a experiência imersiva, acrescentando uma nova dimensão que abre as portas para o sonho e a contemplação.

## MESTRE DA ARTE MODERNA



Picasso em Vallauris, França (1949)

Foto: Gjon Mili / Getty Images

Picasso é o único artista moderno cujas obras são classificadas como tesouros nacionais e proibidas de circular e serem emprestadas, como, por exemplo, *Les Femmes d'Alger* (1907) e *Guernica* (1937). Essas obras são consideradas obras-primas semelhantes à *Mona Lisa* de Leonardo Da Vinci.

Pablo Picasso (1881-1973) consagrado como o Mestre da Arte Moderna, reinventando-se constantemente, revolucionou as formas e a estética acadêmica por meio de suportes artísticos inovadores. Com uma notória carreira de 78 anos do gênio criativo mais ativo de todos os tempos, ele produziu uma média de 120.000 obras de arte – entre pinturas, desenhos, gravuras, esculturas e cerâmicas.

## INTEGRIDADE DAS PINTURAS

Annabelle Mauger se esforça, antes de tudo, para respeitar a integridade das pinturas originais. Sua composição das obras de arte de Picasso revela uma dispersão de detalhes iconográficos que criam um quebra-cabeça gigante para o público remontar. Nessa mostra, o respeito às imagens das pinturas é fundamental e medidas rigorosas de colorimetria são observadas na renderização das obras que transmitem uma sensação de clareza absoluta à medida que a visão se expande. O espectador pode, assim, ver os traços de pintura de perto.

## PARA TODOS OS PÚBLICOS E IDADES

A galeria educacional foi concebida por Annabelle Mauger em colaboração com a historiadora de arte

Androula Michael. O objetivo é familiarizar os visitantes com a obra de Picasso e o trabalho de Rudy Ricciotti. Em paralelo, o projeto Educativo propicia uma visão de fundo sobre a *Cathédrale d'Images* e as exposições *ImageTotale* originalmente projetadas por Albert Plécy em *Baux-de-Provence* de 1977 a 2011. Imagens das obras projetadas na exposição são apresentadas acompanhadas de pequenos textos explicativos.

Pensada para todos os públicos, independentemente da idade, cultura ou nacionalidade, a exposição foi adaptada até para crianças de três anos. Para crianças de 3 a 6 anos e maiores de 6 anos, foi elaborado um livreto com jogos e exercícios para preparar a visita e introduzir a obra de Pablo Picasso.

## SERVIÇO

### Exposição Imersiva “Imagine Picasso”

MorumbiShopping – Piso Térreo – Avenida Roque Petroni Júnior, 1089, São Paulo / SP

*Período:* 9 de março a 18 de junho

*Horários:* Segundas a quintas – das 10h00 às 22h00

Sextas e sábados – das 10h00 às 23h00

Domingos e feriados – das 10h00 às 20h00

*Ingressos:* Bilheteria oficial no MorumbiShopping, sem cobrança de taxa de serviço

<https://www.morumbishopping.com.br/dicas-e-novidades/ imagine-picasso>

Compras pelo site: <http://imagine-picasso.com/>

*Classificação etária:* Livre\*

\*Menores de 12 anos entram acompanhados por seus responsáveis.

*Confira o teaser da mostra:*

<https://www.youtube.com/watch?v=uE3tPmwV0vA&t=98s>

*Still do teaser da mostra*



# SETE NOTAS GASTRONÔMICAS DE SP QUE PROMETEM EM 2023

Bruno Calixto

*O ano mal começou e as apostas na cena gastronômica de 2023 já rendem elogios. A seguir, algumas das casas que devem ser (ou continuar em) destaque nos próximos meses em São Paulo, seja pelas novas aberturas, seja pelo histórico dos chefs envolvidos e ou até mesmo das propostas e efemérides*

## **NOVO CARDÁPIO DO DALVA E DITO, DE ALEX ATALA: CRIATIVIDADE E INOVAÇÃO**

Comida afetiva que abraça. É assim no Dalva e Dito, primeira casa de Alex Atala, que acaba de ganhar um novo cardápio e também um novo *chef*: o manauara José Guerra (ex-D.O.M.), famoso por mesclar ingredientes do Brasil com técnicas internacionais. No lugar da moqueca, entram em cena as ostras com caju (irrecusável). Sai o croquete de vaca atolada e vem o ca-

marão envolto em espaguete de batata (crocante!). Cada prato varia de R\$ 98 a R\$ 170.

Dos veteranos, ficam criações como o Mujica, tradicional caldo amazônico feito de mandioca, peixe, ovo de codorna, coentro, limão e cebolinha. Junto vai uma rodela de biju, para chuchar com vontade. Para combinar com o Pajé, drinque com brandy de Jerez, bitter de alcachofra, limão, tônica, compota de jabuticaba e folha de louro. Divino e maravilhoso!

*Rua Padre João Manuel, 1.115, Cerqueira César  
(11) 3068-4444*



Dalva e Dito

Foto: Divulgação

## **EMPÓRIO FASANO DE MILHÕES: MERCEARIA COM VINHOS E CAFÉ AO AR LIVRE**

Massas, molhos, cafés, vinhos, itens de pequeno produtor e importados. Quem vai ao novo empreendimento do grupo Fasano já sabe onde está antes mesmo de cruzar a porta. A começar pelas cifras altas e os rótulos de vinhos da casa. E também pela escolha criteriosa dos produtos distribuídos nas gôndolas.

Com 27 restaurantes e nove hotéis pelo Brasil e por outros países, a marca aposta agora no Empório Fasano. Das 500 opções, o público se depara com 60 rótulos de vinhos, frios e queijos especiais. Uma boa parte de pequenos produtores, caso da goiabada mineira Doces Vivinha. Tem até jogos de cama, mesa e banho. Negócio de milhões!

A visita começa no térreo, onde estão geladeiras e prateleiras, e termina no terraço, literalmente o ponto alto da casa: para provar o blend de café (com origem em MG) com rótulo da casa, semelhantes ao *ristretto* italiano (R\$ 9,50) a (R\$ 11). *Mamma mia!*

Rua Bela Cintra 2.245, Jardins – (11) 3896-4300



Empório Fasano

Foto: Divulgação

## IMAKAY: A CIÊNCIA A FAVOR DA COMIDA. CHURRASCO DE PEIXE?

A ciência sempre foi uma aliada da gastronomia, e o último grito é o *dry aged* de pescados – maturação a seco sob baixíssimas temperaturas, bastante difundido em churrascarias. O processo ganha evidência no novo Imakay, no Itaim Bibi, um misto das cozinhas do Japão com o Peru. São oito espécies maturadas por dias, todas usadas nos sushis, além de outros preparos.

“Maturação de 12 dias, não pode congelar”, explica o *chef* e sócio David Rodrigues, que manda atum curado na forma de presunto, vieiras japonesas; lula com nirá e camarão na brasa selado e até dupla de sushi de Wagyu – a carne marmorizada de origem japonesa –, um sucesso absoluto, servido com ovo de co-dorna e pimenta togashi. Explosão na boca toda.

Rua Urussuí 330, Itaim Bibi – (11) 3078-7786



Imakay, carpaccio de atum, Menu Enjoy

Foto: Divulgação

## LE BLÉ: 6 MIL CROISSANTS, FRIOS ARTESANAIS E CURSOS DE GASTRONOMIA

Ledo engano pensar que a Le Blé é mais uma padaria bacana de São Paulo. A casa de pães da Consolação é também uma escola de panificação, pâtisserie e barista no segundo andar. E aposta nos frios artesanais – eles fazem 11 tipos ali, passando por mortadela com toque de anis, presunto royale, pastrami, rosbife, peito de peru (o legítimo, de cor mais pálida que o rosado da grande indústria)... Todos esses embutidos vão na tábua sozinhos (R\$ 45) ou em sanduíches e pizzas (R\$ 38, para dois) que saem fumegantes do forno a lenha, instalado no meio do salão. Impossível não notar.

Na sessão de *viennoiserie*, o campeão de vendas é o croissant -- 200 por dia. O empresário e padeiro Fabio Pasquale é quem cuida do pãozinho lotado de manteiga, que descansa numa sala climatizada (17 e 18 graus).

*“As pessoas em São Paulo vão à padaria para tudo, elas abrem e fecham vendendo”,* comenta Pasquale. A febre do *sourdough* passa longe dali – *“Paulista não compra pão grande, no máximo uma baguette.”*

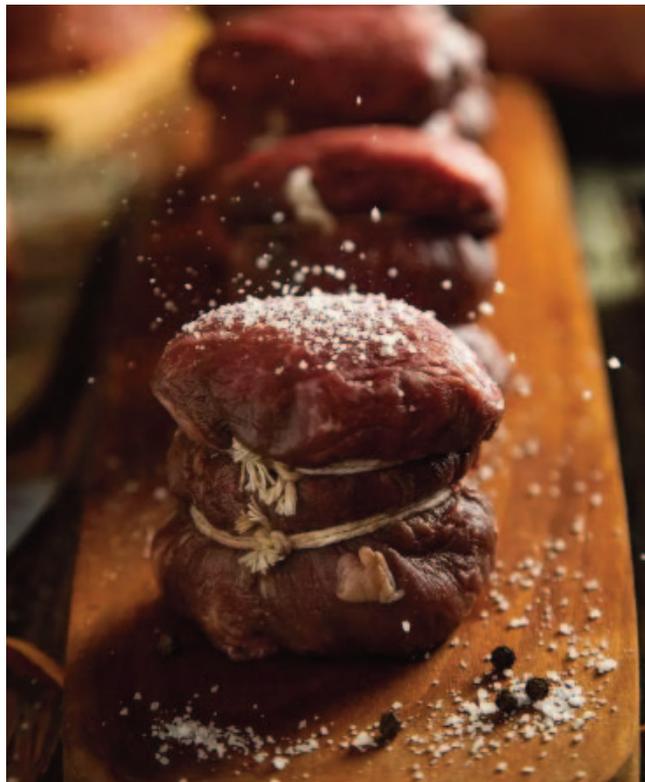
*Rua Padre João Manuel 968, Cerqueira César*



Le Blé

Foto: Site oficial / Reprodução

## OSSO DURO DE ROER, CARNE MATURADA A SECO E DE SABOR ÚNICO



Osso

Foto: Instagram / ossocarnes

Diretamente do Peru para São Paulo, o Osso é um restaurante de carnes comandado pelo *chef* peruano Renzo Garibaldi. A primeira filial da cozinha fora do Peru. O forte são os cortes *dry aged* — maturação a seco, em que a carne descansa numa câmara fria em temperatura, umidade e ventilação controladas. Fácilimo de engolir e de amar também.

Entre os destaques que chegam empratados, *T-bone*, *prime rib* e *tomahawk*, passando por chorizo, picanha e wagyu (R\$ 120 a R\$ 280). Antes, prove o pão de queijo da fazenda Atalaia, o ceviche de cavala com lula a doré e a linguíça peruana Maple.

Das dicas do *chef* Victor Cabanas, chama atenção a “*vaca véia*” (8 a 12 anos), com maturação de 70 dias, de sabor amendoado, suculento. Quem não sabe brincar...

*Rua Bandeira Paulista 520, Itaim Bibi*

### PRETO COZINHA: A COZINHA BAIANA AUTORAL QUE SURPREENDE PELA AUTENTICIDADE

Dá para ficar só nas entradas e esquecer da saída. Mini pastel de arraia, camarão pistola em massa de aipim e mexilhão no leite de coco são destaques para beliscar (R\$ 37 a R\$ 57) no cardápio do Preto Cozinha, uma das novas casas mais aclamadas dos últimos tempos em Pinheiros.



Barriga de porco e Caju Brother do Preto Cozinha  
Fotos: Lais Acsa

“*Comida baiana contemporânea e autoral com toque sul africano*”, define o *chef* e proprietário Rodrigo Freire, advogado de formação que aprendeu a cozinhar com a avó. Ele criou pratos que traduzem os encantos da sua Bahia, mas de olho no paladar dos outros brasileiros: arroz de xinxim e sururu com vongole, bacon, camarão seco e mix de castanhas são sem igual. Surpreende a bem servida feijoada de frutos do mar (R\$ 194), versão do cassoulet de feijão branco da avó. Tudo ali é carregado de memória, inclusive os drinks de Chris Carijó, como o Caju Brother (releitura do caju amigo feita com cachaça branca, cajuína, limão cravo, compota de cajú avinagrada e hortelã, gaseificado).

Um casarão de três andares, paredes de cimento queimado, bar no porão e jardim. São mais de 30 lugares. A festa de 1 ano será 05/05, dia de Oxum.

*Rua Fradique Coutinho 276, Pinheiros*  
(11) 99114-3539.

### VILA ANÁLIA, A VOLTA AO MUNDO NA ZONA LESTE DE SÃO PAULO

A foto de um homem-bala na parede não é aleatória. O personagem em foco é Leopoldo Temperani, o primeiro do Brasil a ser cuspidor de um canhão circense, patriarca de uma linhagem familiar italiana que, recentemente, colocou a zona Leste paulistana no mapa da gastronomia contemporânea. Em meados de 2022, quatro netos de Leopoldo decidiram inaugurar o Vila Anália, complexo que reúne cinco restaurantes de *chefs* conhecidos na região do Jardim Anália Franco.

São cinco casas: o francês Merci, o italiano Temperani, o espanhol Tapas 93, o japonês Susume e o grego Mii, além de uma confeitaria, uma sorveteria e uma loja de chocolates. A capacidade é para até mil pessoas.

A primeira é o italiano de pegada moderna que leva o nome da família e tem no comando o *chef* consultor Antonio Maiolica. De cara, levou o prêmio de melhor pizza de São Paulo pela revista “*Gambero Rosso*”. Não saia de lá sem provar a flor de abóbora recheada de ricota de búfala. *Delizia!*

De personalidades bem distintas, as casas dividem o mesmo endereço, onde convivem nomes como o *sommelier* Ricardo Santinho e Márcio Silva, que se consagrou no Guilhotina, assinando toda a carta de drinks. Tem ainda a azeitóloga Ana Beloto e seu marido, o *pâtisserie* Pedro Frade. Programão para quem come bem sem hora para acabar.

Rua Cândido Lacerda 33, Jardim Anália Franco  
(11) 2673-5378



De cima para baixo,  
da esquerda para a direita:  
Escargots no Merci;  
Ussuzukur no Susume;  
Camarão com pasta kataifi e  
creme avocado no Mii  
Ambiente Temperani;  
Ambiente Tapas 93

Fotos: Neuton Araújo





Shen Özdemir, cortejo realizado pela a artista na Bélgica

Foto: Divulgação

## DIALETOS DO FIRMAMENTO

Cortejo pelas ruas da Gávea, Zona Sul do Rio de Janeiro, abre a exposição coletiva na Anita Schwartz Galeria de Arte.

O evento será realizado às 19 horas do dia 2

*Dialetos do Firmamento, que discute as diferentes cosmovisões, mundos inventados, o encantamento e os mistérios que transitam entre o céu e a terra, tem obras de Bonikta, Ivan Grilo, Jeane Terra, Rochelle Costi, Thiago Costa, Zé Tepedino e Shen Özdemir, artista belga de origem turca, cujos estandartes compõem o cortejo que conta ainda com a participação de seis músicos integrantes do bloco carnavalesco Céu na Terra*

A exposição inaugura o programa de 2023 da galeria e convida o público a imaginar novas possibilidades de cuidar de um futuro ancestral, em conexão com o campo da arte e da espiritualidade, construindo percursos e diálogos entre manifestações divinas e profanas. O projeto de um Brasil inventado é revisto pelas potências do intangível, as expressões primárias e as subjetividades da memória, atravessando o tempo e o espaço visível/invisível do mundo moderno organizado pela racionalidade.

### **SHEN ÖZDEMIR (1996)**

A artista belga de origem turca Shen Özdemir (1996) criou um universo de carnaval a partir das lendas de gigantes, na Bélgica, e das marionetes da Turquia. Na série de trabalhos *Karnavalo*, sua intenção é criar uma comunidade humana internacional através do sincretismo cultural. Seu carnaval é composto por uma multidão de trupes, concebidas como núcleos familiares, ressaltando a ideia de parentalidade, e seguindo a tradição das alegorias dos desfiles de carnaval.

Suas “cabeças” nos lembram, entre outros personagens de festas populares, os tradicionais Bonecos de Olinda. Criadas com espuma, papel, tinta acrílica, gesso e tecido, representam metaforicamente dois membros de uma mesma família, sem definição de gênero ou faixa etária. Com a participação de integrantes do *Céu da Terra*, será a primeira vez que os desfiles feitos por Shen Özdemir com seu carnaval imaginário terão música. O conjunto de bandeiras do cortejo integrará a exposição.



Shen Özdemir, *Cabeças*, 2023

Foto: Alice Montesi

### **BONIKTA**

Bonikta (Caio Aguiar), nascido em 1996, em Ourém, Pará, e radicado em Salvador, estará na exposição com as fotografias “*Kurumins do Rio*” (2023) e “*Ygarapé das Bestas*” (2023). Sua produção desenha um universo encantado inspirado no imaginário ribeirinho amazônico, reflexos de vivências que traçam travessias entre o interior e a cidade, entre a rua e a floresta. O artista se dedica a processos de criações e encantarias em diversas linguagens e tecnologias, do grafite, lambe-lambe, ilustrações, pinturas, fotografias, vídeos, animações, tatuagens, máscaras a desenhos digitais, entre outros.

### **IVAN GRILO**

Ivan Grilo (1986, São Paulo) mora em Itatiba / SP, e tem sua produção reconhecida no circuito da arte a partir de seu interesse em investigar tradições orais, ou

pesquisar história brasileira através de arquivos públicos. A escrita é um elemento importante em seu trabalho, e na exposição a obra *“Fazer juntos um trecho de céu no chão”* (2022) traz a frase entre linhas, em bronze.

### JEANE TERRA

Jeane Terra (1975, Minas) vive no Rio de Janeiro. O tríptico *“Santuário do Sertão”* (2022), uma monotipia feita sobre pele de tinta – material desenvolvido pela própria artista – foi criado a partir da vivência de Jeane no final de 2021 nas cidades baianas inundadas pelo Rio São Francisco em 1970, para a criação da represa de Sobradinho. A obra retrata, a partir de um registro fotográfico, a Igreja de Santo Antônio, do século XVIII, na margem do rio em Pilão Arcado.

### ROCHELLE COSTI

Rochelle Costi (1961-2022), artista atuante em exposições no Brasil e no exterior, deixou um legado poético de sua coleção de registros do que a cercava – objetos, paisagens, cenas do cotidiano. A obra que integra a exposição, *“Escada Palavrada – Céu”* (2014), em jato de tinta sobre papel de algodão, é também uma homenagem a ela.



Bonikta, *Kurumins do Rio*, 2023

Foto: Divulgação



Ivan Grilo, *Fazer juntos um trecho de céu no chão*, 2022

Foto: Divulgação

Jeane Terra, *Santuário do Sertão*, 2022

Foto: Divulgação





Rochelle Costi,  
*Escada Palavrada*  
– Céu,  
2014  
Foto:  
Divulgação



Thiago Costa,  
*Exercícios para suspensão*,  
2022  
Foto:  
Divulgação



Zé Tepedino,  
*Sem título*,  
2023  
Foto:  
Divulgação

### THIAGO COSTA

As esculturas-ferramentas “*Exercícios para suspensão*” (2022) – solda sobre vergalhão – do paraibano Thiago Costa (1994, Bananeiras, residente em João Pessoa), faz parte de sua pesquisa da escrita em relação com a imagem a partir das filosofias Bantu e Yorubá. Ele investiga a relação das formas com as corporações e incorporações.

### ZÉ TEPEDINO

Na instalação “*Sem título*” (2023), em madeira, nylon, tecido, areia e pedra, o artista carioca Zé Tepedino (1990) dá seguimento à sua série “*Vários verões*”, em que objetos de praia são destituídos de sua função original, e ao serem desmembrados e rearranjados são pensados a partir de cor e forma.

### SERVIÇO

#### Exposição “*Dialetos do Firmamento*”

2 de março a 15 de abril

*Abertura:* 2 de março, às 19h

*Cortejo/performance:* concentração às 18h30, na Praça Santos Dumont

Anita Schwartz Galeria de Arte

Rua José Roberto Macedo Soares, 30, Gávea, Rio de Janeiro / RJ

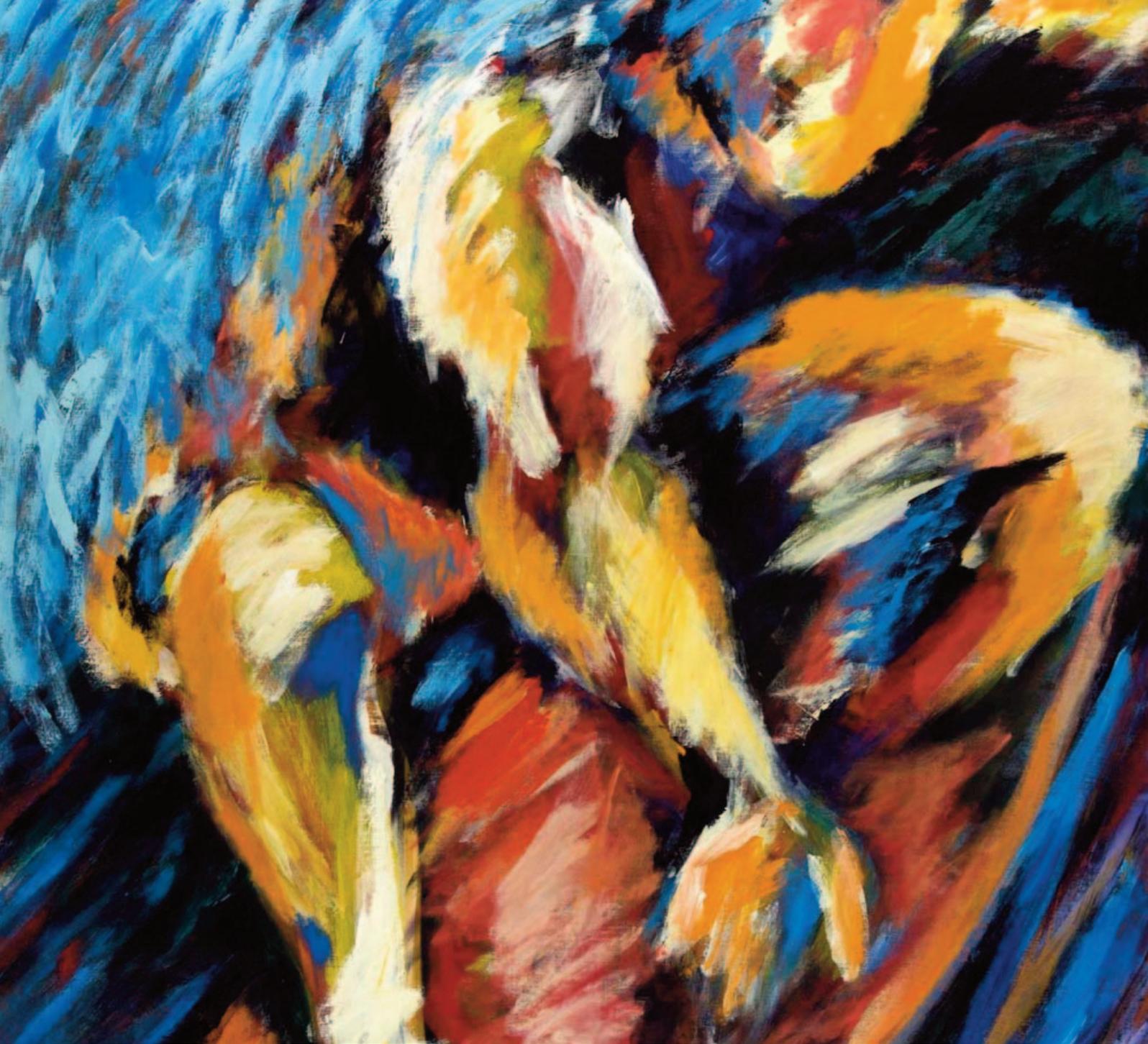
Tels.: (21) 2274-3873 | 2540-6446 | 99603-0435

Segunda a sexta, das 10h às 19h,

e aos sábados das 12h às 18h

Entrada gratuita

[www.anitaschwartz.com.br](http://www.anitaschwartz.com.br)



UMA VISÃO DA ARTE  
CENTENÁRIO DE FRANCO TERRANOVA  
e o legado da Petite Galerie na Danielian Galeria, RJ

*Poeta, artista e marchand lendário, Franco Terranova faria 100 anos dia 9 de março. Nascido em Nápoles, o estudante de literatura, que foi aviador na Segunda Guerra Mundial, veio para o Brasil em 1947. Ambientado no Rio de Janeiro, ele esteve à frente de um dos mais emblemáticos espaços de arte da história brasileira: a Petite Galerie, que agitou o circuito artístico de 1954 a 1988. Por breves períodos Terranova abriu filiais em São Paulo, na Avenida Paulista e depois na Rua Haddock Lobo, no início dos anos 1970, e ainda cuidou da programação da Galeria Arte Global, na Alameda Santos. A dimensão de seu olhar acurado pode ser confirmada nessa mostra que traz um recorte do legado da Petite Galerie, com mais de 150 trabalhos – desenhos, gravuras, pinturas e esculturas, de aproximadamente 70 artistas*

Durante quinze dias – de 4 a 18 de março – a Danielian Galeria exhibe a exposição “Uma Visão da Arte – Centenário de Franco Terranova e o legado da Petite Galerie”. A curadoria é de Paola Terranova – a caçula dos quatro filhos de Franco e Rossella Terranova, com quem ele foi casado de 1962 até sua morte – que está à frente do acervo da Petite Galerie, em um espaço na Lapa. Ela revela que para esta exposição comemorativa foram restaurados mais de 80 trabalhos. “Franco Terranova era antes de tudo amigo dos artistas, um apaixonado pela arte, e a exposição pretende retratar seu olhar ao mesmo tempo afiado e afetuoso”, diz.

Nos dias 14 e 15, às 19h, haverá um leilão em prol da manutenção do legado de Franco Terranova, apregoado por Walter Rezende, com apoio da Bolsa de Arte do Rio de Janeiro, no site Iarremate – <https://www.iarremate.com>.



Monica Barki

Foto: Divulgação

## DIVERSIDADE E PIONEIRISMO

Foi grande o desafio de Paola Terranova para selecionar as obras para a exposição: a programação da Petite Galerie em mais de três décadas acompanhou a diversidade da arte brasileira, sem nunca ter um caráter fechado ou dogmático. Muitos artistas hoje consagrados fizeram sua primeira individual ali, da mesma forma que artistas de outros estados ou países expuseram pela primeira vez no Rio de Janeiro na Petite Galerie.

Inovador em vários aspectos – contratando artistas, promovendo salões, prêmios, leilões, vendas de obras a prazo e exposições de múltiplos, iniciativas arrojadas para a época – Franco Terranova era chamado carinhosamente pelo colecionador Gilberto Chateaubriand (1925-2022) de “o Marquês Terranova”, por sua gentileza e carisma. Ferreira Gullar (1930-2016) disse sobre ele: *“Sem demérito para os marchands, nunca vi Franco como um. Ele é poeta, amigo, um homem de sensibilidade, para quem a arte não é simplesmente um negócio”*.



Carlos Vergara

O tamanho de sua importância no meio da arte pode ser medido pelo evento-performance “*O eterno é efêmero*”, em 1988, no encerramento do espaço em Ipanema, quando mais de 60 artistas vindos de todos os cantos do país pintaram, durante três dias e três noites, as paredes, as escadas e o mezanino da Petite Galerie, e depois cobriram tudo de tinta branca, encerrando assim um ciclo de 34 anos. O evento foi todo documentado em um vídeo de Teresa Cristina Rodrigues.

## POESIAS

Franco Terranova publicou diversos livros de poesias, e em “*Livroobjeto: projeto sombras autobiografia inventada*” (2012, Réptil Editora), seus poemas foram acompanhados de imagens de obras de 73 artistas, como Abraham Palatnik, Anna Bella Geiger, Antonio Dias, Antonio Henrique Amaral, Frans Krajcberg, Maria Bononi, Millôr Fernandes, Rubem Grilo, Samico, Siron Franco, Waltercio Caldas e Wesley Duke Lee.

## DOAÇÃO DO ACERVO DOCUMENTAL

Toda a parte documental relativa à Petite Galerie – milhares de itens como registros fotográficos, slides, convites, cartazes, artigos em jornais e revistas etc – está sendo doada para o Instituto de Arte Contemporânea de São Paulo (IAC), fundado por Raquel Arnaud, amiga e parceira de trabalho de Franco Terranova na Galeria Arte Global, em São Paulo. Após ser catalogado, o acervo ficará à disposição para pesquisadores e estudantes.

## ARTISTAS COM OBRAS NA EXPOSIÇÃO

Abelardo Zaluar (1924-1987), Adriano de Aquino (1946), Alexandre Dacosta (1959), Alfredo Volpi (1896 –1988), Amélia Toledo (1926-2017), Angelo de Aquino (1945-2007), Angelo Hodick (1945), Anna Maria Maiolino (1942), Antenor Lago (1950), Antonio Henrique Amaral (1935-2015), Antonio Manuel (1947), Arthur Barrio (1945), Avatar Moraes (1933-2011), Carlos Scliar (1920-2001), Carlos Vergara (1941), Cristina Salgado (1957), Darel (1924-2017), Dileny Campos (1942), Dionísio del Santo (1925-1999), Edival Ramosa (1940- 2015), Eduardo Paolozzi (1924 – 2005), Emeric Marcier (1916-1990), Enéas Valle (1951), Enrico Baj (1924 – 2003), François Morellet (1926-2016), Frank Stella (1936), Frans Krajcberg (1921-2017), Franz Weissmann (1911-2005), Gastão Manoel Henrique (1933), Glauco Rodrigues (1929- 2004), Iberê Camargo (1914-1994), Ivan Freitas (1932-2006), Hércules Barsotti (1914-2010), Jac Leirner (1961), José Resende (1945), Larry Rivers (1923 – 2002), Leda Catunda (1961), Lothar Charoux (1912-1987), Lucio Del Pezzo (1933-2020), Luiz Alphonsus (1948), Luiz Áquila (1943), Luiz Paulo Baravelli (1942), Luiz Pizarro (1958), Marcia Barrozo do Amaral, Maria do Carmo Secco (1933-2013), Maria Leontina (1917-1984), Mestre Vitalino (1909-1963), Milton Dacosta (1915-1988), Mira Schendel (1919-2018), Mô (Moacyr) Toledo (1953), Monica Barki (1956), Myra Landau (1926-2018), Roberto Magalhães (1940), Roberto Moriconi (1932-1993), Roy Lichtenstein (1923-1997), Rubens Gerchman (1942-2008), Sepp Baendereck (1920-1988), Sérgio Camargo (1930-1990), Sérgio Romagnolo (1957), Serpa Coutinho, Tarsila do Amaral (1886-1973), Tino Stefanoni (1937-3017), Tuneu (1948), Victor Vasarely (1905-1997), Waldemar Cordeiro (1925-1973), Waltercio Caldas (1946), Wanda Pimentel (1943-2019), Willys de Castro (1926-1988), Yara Tupynambá (1932) e Yvaral (Jean Pierre Vasarely), (1934-2002).

## SERVIÇO

Exposição “*Uma Visão da Arte – Centenário de Franco Terranova e o legado da Petite Galerie*”

Abertura: 4 de março, às 16h – Até: 18 de março

Danielian Galeria

Rua Major Rubens Vaz, 414, Gávea, Rio de Janeiro / RJ

Tels.: (21) 2522-4796 | 98830-3525

Email: [contato@danielian.com.br](mailto:contato@danielian.com.br)

Segunda a sexta-feira, de 11 às 19h

Entrada gratuita

<https://www.danielian.com.br/>

# "QUANTO PIOR, PIOR"

de Fernando Lindote, no Instituto Tomie Ohtake, SP

Fernando Lindote, *Louise, you know, I'm no good*, 2021

Foto: Sergio Guerini



*Com curadoria de Paulo Miyada e Julia Cavazzini, a exposição está centrada na apresentação densa e imersiva de 26 pinturas realizadas entre 2010 e 2023, que evidenciam o interesse do artista pela imagem da selva tropical, às quais se agregam algumas obras anteriores, de mídias variadas*



Fernando Lindote, *Hi-Brasil - hepatoscopia I*, 2021  
Foto: Sergio Guerini

*“Há algo em Lindote que remete à figura mitológica de Sísifo, que todos os dias empurra uma pesada pedra montanha acima, fadado a vê-la rolar em seguida e ter de recomeçar sua lida. As ideias de repetição, labor e fracasso permeiam toda a trajetória de Lindote, seja no modo como cada obra se faz no enfrentamento obstinado dos materiais e processos, seja na sua percepção do contexto histórico e social”, destaca a dupla de curadores.*

Segundo Miyada e Cavazzini, na série de pinturas as coisas viram ruínas, formando uma selva úmida e voraz, aceleradora da entropia que consome o futuro conjugado nos projetos de país. *“Não faz sol; pintar não é uma forma de alcançar beleza. O Brasil retratado pela máquina colonial falhou, faliu. Quanto pior, pior. Não há nada na capacidade de habitar o caos que relativize essa certeza. Quanto pior, pior – e isso não é motivo para indiferença. É motivo para a obstinação de fazer da repetição o motor da persistência”, completam.*

A exposição tem abertura no dia 2. No dia 28 de março, às 19h, os curadores Paulo Herkenhoff,

Paulo Miyada e Julia Cavazzini participam de um bate-papo com o artista no Instituto Tomie Ohtake. O evento marca também o lançamento do livro *“Fernando Lindote: não desespere por um estilo”*, concebido, organizado e escrito por Paulo Herkenhoff. Com prefácio assinado por Raúl Antelo, o livro é dividido em 27 capítulos com ensaios que abordam distintas séries, momentos ou conjuntos da carreira do artista. Os textos trazem descrições instigantes sobre a obra do Lindote, bem como uma visão crítica sobre os trabalhos, inserindo-os no panorama da arte contemporânea, conjugando imagens de suas obras (pinturas, esculturas, vídeos, performances, instalações, impressos) com imagens de referência da História da Arte.

#### SOBRE O ARTISTA

Fernando Lindote (RS, 1960 – vive e trabalha em Florianópolis) – Nascido em Sant’Ana do Livramento na fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, Fernando Lindote começou sua trajetória no final dos anos 1970. Iniciou-se como cartunista e chargista nos jornais gaúchos e adentrou as artes visuais como uma figura inquieta, mergulhada em uma prática inesgotável com performance, fotografia, instalação, pintura e escultura, sem nunca interromper sua relação com o desenho. A maior parte de sua produção fez-se em Florianópolis, ilha em que se estabeleceu desde 1983.

O artista, indicado ao Prêmio Pipa em 2015, reúne entre suas individuais: *“DCI – Dispositivo de Circulação de Imagem”*, Galeria Flávio de Carvalho, FUNARTE, São Paulo, SP, 2014; *“O Soberano Discreto”*, São Paulo, SP, 2013, *“1971 – a cisão da superfície”*, no Centro Cultural Banco do Brasil



Fernando Lindote, *Govinda*, 2017  
Foto: Sergio Guerini

Rio de Janeiro, RJ, 2012, *“Cosmorelief”*, na Fundação Cultural BADESC, Florianópolis, SC, em 2011, *“Todas as Imagens do Mundo”*, na Fundação Hassis, Florianópolis, SC, em 2010, *“Desenhos Antelo”*, na Galeria Nara Roesler, São Paulo, SP, em 2008, *“3D3M”*, no Centro Universitário Mariantonia, São Paulo, SP, 2008, *“Experiências com o Corpo”*, no Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, SP, 2002, *“Muito Perto”*, Museu Victor Meirelles, Florianópolis, SC 2002, *“EDAX, XII Mostra da Gravura Museu da Gravura”*, Curitiba, PR, 2000, *“Teatro Privado”*, no MAM-Rio, Rio de Janeiro, RJ, em 1999, *“Olho de Mosca”*, MASC, Santa Catarina, SC, em 1999.

Fernando Lindote, *Macunaíma*, 215

## SERVIÇO

**Exposição Fernando Lindote – Quanto pior, pior**

Abertura: 2 de março, às 19h

Até 23 de abril

De terça a domingo, das 11h às 20h

Entrada franca

Aconselha-se o uso de máscara

Instituto Tomie Ohtake Av. Faria Lima 201 (Entrada pela Rua Coropés 88),

Pinheiros, São Paulo / SP

Metrô mais próximo:

Estação Faria Lima / Linha 4 – amarela

Tel.: (11) 2245-1900

Foto: Sergio Guerini





Carmezia  
Emiliano,  
Wazaká –  
A árvore  
da vida,  
2022  
Foto: Rodrigo  
Guedes da Silva

“A ÁRVORE DA VIDA”, de Carmezia Emiliano, e  
“MAHKU – MIRAÇÕES”, do Movimento dos artistas Huni Kuin,  
ABREM A TEMPORADA 2023 DO MASP.

As duas exposições serão inauguradas no dia 24

*Com um olhar voltado para as questões indígenas ao redor mundo, a série de atividades da instituição – exposições, cursos, palestras, oficinas e publicações – propõe novas narrativas visuais, mais inclusivas e plurais sobre as histórias dos povos originários. Ao longo do ano, a programação irá abordar e debater a complexidade de materiais, culturas, filosofias e cosmologias indígenas, além de discutir as suas representações na arte e o silêncio da história oficial da arte em relação à produção artística indígena*

## A ÁRVORE DA VIDA

### EXPOSIÇÃO MONOGRÁFICA DE CARMÉZIA EMILIANO

*O conjunto de 35 obras, sendo oito especialmente desenvolvidas para a mostra, traz temas e reflexões da artista indígena Macuxi sobre a observação da natureza e da vida coletiva*

Com curadoria de Amanda Carneiro, curadora assistente do MASP, a exposição reúne 35 pinturas que figuram e refletem sobre paisagens, objetos da cultura material e o cotidiano da comunidade da artista indígena Macuxi, localizada na Maloca do Japó, Normandia, Roraima. A mostra tem patrocínio da Lefosse.

Carmézia Emiliano (Maloca do Japó, Normandia, Roraima, 1960) é autodidata. Na década de 1990, mudou-se para Boa Vista, momento no qual também começou a pintar, motivada pelo impacto de sua primeira visita a uma exposição de arte. Ali ela notou que humanidade e natureza, indivíduo e co-



Carmézia Emiliano, *Parixara*, 2020  
Foto: Eduardo Ortega



Carmézia Emiliano,  
*Apendendo*, 2020  
 Foto: Eduardo Ortega

letivo, podiam assumir formas na profusão de detalhes espelhados, intrincados e interconectados das artes visuais. No início de sua carreira, sua produção artística encontrou espaço em exposições chamadas naïfs e/ou populares; hoje, no entanto, seu trabalho aponta para a revisão dessa leitura enquadrada e tem sido incluído em diferentes mostras de arte contemporânea.

A exposição *Carmézia Emiliano: a árvore da vida* está dividida em sete núcleos que abordam temas relacionados à subjetividade da artista e à vida em comunidade, refletindo manifestações culturais macuxis, como a *dança do parixara*, os jogos e brincadeiras relacionados aos períodos de festas – por exemplo, o de colheita da mandioca –, assim como a vida comunitária, manifesta nas pinturas que representam habitações e espaços em comum. Também se destacam os registros da transmissão de saberes, das redes de apoio entre mulheres e da relação de profundo respeito e cooperação com a natureza.

O título da mostra faz referência a um tema recorrente na obra da artista, o mito da Wazaká, a árvore da vida,

que faz surgir de seu tronco cortado o Monte Roraima. *“Retomar o mito da árvore da vida, entretanto, não quer dizer que a artista elabora sua poética como dicionário ilustrado das histórias e vivências Macuxis, mas a relação de experiência com seu contexto, de modo a representar os tópicos que lhe interessam subjetivamente, mesmo que relacionados à coletividade ou filosoficamente referenciados”*, pontua a curadora.

Muitos trabalhos de Emiliano se dedicam ao registro poético de objetos da cultura material e dos saberes transmitidos por seu povo entre gerações, entretanto, o seu trabalho não se reduz a uma compreensão antropológica ou essencialista, ainda que, durante quase duas décadas, tenha sido nessa chave de interpretação que sua obra encontrou lugar no cenário da arte. *“Termos qualificadores, como primitivo e ingênuo ou a artfolclórica, podem ser redutores e preconceituosos, primeiro porque ser autodidata não significa ausência de pesquisa, quer dizer apenas que essas pessoas não tiveram acesso à educação formal. Depois porque, em geral, são atribuídos a artistas indígenas, negros ou pobres, e dizem muito pouco sobre os traba-*

*lhos e artistas em si*”, analisa Carneiro. “*Não é redundante rememorar que tais noções validaram hierarquias perversas, influenciando demasiadamente leituras atavistas*”, finaliza.

O autorretrato *Eu* (2022) evidencia como figuras indígenas são pouco vistas nesse gênero da pintura. Até o século 19, o gênero foi frequentemente comissionado ou estimulado pela academia aos artistas pertencentes à história oficial da arte. Os indígenas, apartados do Estado, mas em franca disputa por respeito e reconhecimento de seus territórios e modos de vida, lidaram com o fato de se verem representados por outros, em imagens às vezes românticas e frequentemente contraditórias e ambivalentes, como o quadro *Moema* (1866),

de Victor Meirelles (1832-1903). Ao pintar o autorretrato, a artista se coloca duplamente no centro, do quadro e de sua comunidade.

### SERVIÇO

#### Exposição *Carmézia Emiliano: a árvore da vida*

De 24 de março até 11 de junho

MASP — Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand  
– 1º subsolo (galeria) – Tel.: (11) 3149-5959

Avenida Paulista, 1578 – Bela Vista, São Paulo / SP

Horários: terça grátis, das 10h às 20h (entrada até as 19h);  
quarta a domingo, das 10h às 18h (entrada até as 17h);  
fechado às segundas

Agendamento on-line obrigatório pelo link

[masp.org.br/ingressos](http://masp.org.br/ingressos)

Ingressos: R\$ 60 (entrada); R\$ 30 (meia-entrada)

[www.masp.org.br](http://www.masp.org.br)

## MAHKU: MIRAÇÕES

### EXPOSIÇÃO DO COLETIVO INDÍGENA MAHKU



Ibã Huni Kuin,  
Bane Huni  
Kuin, Rare  
Huni Kuin,  
Ayani Huni  
Kuin, Ibã  
Neto Sales  
Kanixawa,  
Movimento  
dos Artistas  
Huni Kuin  
(MAHKU),  
*Yube Inu*  
*Yube Shanu*,  
2020  
Foto:  
Eduardo Ortega

*Mostra traz cerca de 120 pinturas, desenhos e esculturas – resultado de traduções de cantos, mitos e visões do grupo de etnia Huni Kuin, que vive no estado do Acre, na fronteira com o Peru*



Acelino Tuin  
Huni Kuin,  
Movimento  
dos Artistas  
Huni Kuin  
(MAHKU),  
*Kapenawe  
pukenibu*,  
2022

Foto:  
Daniel Cabrel

Com curadoria de Adriano Pedrosa, diretor artístico do MASP, Guilherme Giufrida, curador assistente, e Ibã Huni Kuin, curador convidado, a exposição reúne cerca de 120 pinturas e desenhos que se originam tanto de traduções e registros de cantos, mitos e histórias de sua ancestralidade, como de experiências visuais geradas pelos rituais de *nixi pae* – que envolvem a ingestão de ayahuasca – denominadas *mirações*, palavra que dá

título à exposição na instituição. A mostra tem patrocínio master do Citibank.

Criado oficialmente em março de 2013, dez anos antes da abertura da exposição no MASP, o surgimento do Movimento dos Artistas Huni Kuin (MAHKU) remonta ao final da década de 2000, quando o coletivo iniciou, nos cursos de Licenciatura Indígena na Universidade

Federal do Acre (UFC), seus trabalhos de tradução de cantos tradicionais do povo indígena Huni Kuin (Acre) em desenhos figurativos. Os primeiros registros do coletivo surgem, portanto, a partir do contato de populações indígenas aldeadas com a universidade, onde o grupo realizou sua primeira exposição, em 2011.

No ano seguinte, após a visita do antropólogo Bruce Albert e do curador Hervé Chandès, os integrantes participam pela primeira vez de uma mostra de arte contemporânea, a exposição *Histoires de voir, Show and Tell* (Histórias para enxergar, ver e contar) na *Fondation Cartier pour l'art contemporain*, em Paris, com um desenho ilustrando a capa do respectivo catálogo. A partir do movimento de introdução da sua visibilidade ao universo das exposições de arte, os Huni Kuin se apropriam disso como estratégia de sobrevivência coletiva, de extensão de suas histórias e de seus mitos.

A exposição *MAHKU: Mirações* reúne cerca de 120 pinturas e desenhos em papel e tela, sendo três delas pro-

duzidas para a mostra, comissionadas pelo museu, além de esculturas, áudios com cantos, vídeo documentário e uma pintura de grandes dimensões elaborada diretamente nas laterais da icônica escada/rampa vermelha que interliga o 1° ao 2° subsolo do museu, seguindo, assim, a tradição do coletivo de realizar uma intervenção artística nos espaços expositivos que ocupam, criando uma conexão física e espacial entre mundos.

Este diálogo entre diferentes culturas é um dos temas centrais de algumas das obras do coletivo, especialmente aquelas inspiradas no mito de kapewë pukeni, o jacaré-ponte, traduzido, por exemplo, na pintura *Kopenawe pukenibu* (2022), de Acelino Tuin Huni Kuin. O mito narra a história da passagem dos Huni Kuin pelos dois continentes, através do estreito de Behring, em busca de sementes, moradia, conhecimento e terra. Depois de muita caminhada, o grupo se depara com um jacaré que, em troca de alimento, oferece ajuda para que eles possam atravessar para o outro lado.



Ibã Huni Kuin,  
Bane Huni  
Kuin, Move-  
mento dos  
Artistas Huni  
Kuin  
(MAHKU),  
*Sem título*,  
2017

Foto:  
Eduardo Ortega

Outro ser muito importante para os Huni Kuin é a jiboia, considerada a maior dos xamãs, mensageira e ser da transformação. Normalmente o animal está presente em suas pinturas, circundando as composições, seja de forma a perambular pela imagem, seja literalmente em suas bordas, acompanhando os ângulos perpendiculares do quadro ou em formas geometrizadas estilizadas.

A jiboia é a figura central no mito de surgimento de nixi pae, “a bebida sagrada”, representada na tela do acervo do MASP *Yube Inu Yube Shanu* (Mito do surgimento da bebida sagrada Nixi Pae), 2020. O mito narra o encontro de Yube Inu, um homem indígena, com Yube Shanu, a mulher-jiboia, e a acolhida do povo da jiboia a Yube Inu, que é introduzido ao ritual de nixi pae. Ele ingere a bebida sagrada, experincia as mirações e, mais tarde, aprende a fazê-la e entra em contato com as músicas da serpente. Por um momento de ciúme de seu sogro, devido ao conhecimento adquirido, Yube Inu é mordido e acaba adoecendo, mas, antes de morrer, retorna ao seu povo de origem e ensina a receita da bebida.

No ritual de nixi pae realizado pelos Huni Kuin e traduzido como “cipó forte”, “embriagante” ou “fio encantado”, se institui a experiência de encontro com a jiboia. Trata-se de um ritual central na vida desse povo, que envolve toda a comunidade – desde crianças de 6 anos de idade até adultos e idosos. As mirações, experiências visionárias que aparecem durante os rituais, são traduzidas tanto nos desenhos e pinturas do coletivo quanto nos cantos que integram o cotidiano da

aldeia Chico Curumim, na Terra Indígena Kaxinawá, do Rio Jordão, onde vivem os artistas do MAHKU.

*“O ritual de nixi pae tem como objetivo principal conectar mundos, rememorar a todos daquela relação dos Huni Kuin com a jiboia, renovar a intimidade do encontro e relembrar as razões do desencontro narradas no mito”,* reflete Guilherme Giufrida. *“Evocada através do canto, pela bebida e pela própria miração, a jiboia guia as visões por seus caminhos e percepções, fazendo os humanos atravessarem para o seu mundo, para o próprio universo dos mitos. O objetivo, no limite, parece ser o de estudar e ensinar os mitos, fazer as histórias do povo sobreviverem, se estenderem e se transformarem, preservando a integridade e o enraizamento daquela sociedade”,* finaliza.

## SERVIÇO

### Exposição **MAHKU: Mirações**

De 24 de março até 11 de junho

MASP — Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand  
– 2º subsolo – Tel.: (11) 3149-5959

Avenida Paulista, 1578 – Bela Vista, São Paulo / SP

Horários: terça grátis, das 10h às 20h (entrada até as 19h);  
quarta a domingo, das 10h às 18h (entrada até as 17h);  
fechado às segundas

Agendamento on-line obrigatório pelo link

[masp.org.br/ingressos](http://masp.org.br/ingressos)

*Ingressos:* R\$ 60 (entrada); R\$ 30 (meia-entrada)

[www.masp.org.br](http://www.masp.org.br)

[facebook.com/maspmuseu](https://facebook.com/maspmuseu)

[twitter.com/maspmuseu](https://twitter.com/maspmuseu)

[instagram.com/masp](https://instagram.com/masp)



Alice Neel, *Self-Portrait*, 1980

© The Estate of Alice Neel

# ALICE NEEL HOT OFF THE GRIDDLE

Retratos  
extraordinários  
e vitais  
compõem  
a retrospectiva  
da artista na  
Barbican  
Art Galery,  
Londres

Maria Hermínia Donato

*Visitar exposição recém-inaugurada num sábado frio pela manhã é uma experiência para não ser repetida com frequência. A exposição Alice Neel Hot Off the Griddle, na Barbican Art Galery – maior exposição do Reino Unido da artista americana – estava cheia de famílias e indivíduos ansiosos para ver as pinturas que estão recebendo grandes elogios na mídia. E, mesmo com o espaço cheio, nada interferiu no impacto que suas obras produziram em mim: UAU!*

A exposição cronológica de Alice Neel ocupa os dois andares da galeria, mostrando a compreensão da artista de como olhamos para os outros e o que é se sentir visto. Em sua longa carreira, ela pintou todos: radicais negros, acadêmicos, comunistas, intelectuais, amantes, queers, famílias e crianças latinas do Harlem espanhol e Cuba. Por celebrar em suas pinturas as comunidades marginalizadas ficou conhecida como a pintora da corte do Underground.

Seu método de trabalho era conversar, conversar e conversar até que a pessoa inconscientemente assumisse sua pose mais característica, revelando assim o que o mundo tinha feito com eles e sua retaliação. Era uma humanista radical e fervorosa promotora de justiça social.

Alice Neel era excêntrica e não conformista. Desde muito cedo sabia que seria artista. Nascida em 1900, Neel foi criada em Colwyn, Pensilvânia (segundo ela uma cidade sem cultura); o pai era contador da Penn-



Alice Neel, *Benny and Mary Ellen Andrews*, 1972  
© The Estate of Alice Neel



Alice Neel, *Support the Union*, 1937

© The Estate of Alice Neel

*sylvania Railroad*, e sua mãe dizem ser descendente de Richard Stockton, um dos signatários da Declaração de Independência.

Neel era uma garota sensível, um pouco ansiosa, sabia que a pintura seria uma porta de entrada para a vida e um lugar onde ela poderia ser ela mesma, sem a expectativa e as restrições impostas pela sociedade. Foi estudar no *Philadelphia School of Design for Women* e se apaixonou pelo artista cubano Carlos Enriquez Gomez durante um curso de arte em Chester Springs. Casaram e foram morar em Havana.

Juntos fizeram exposições em Cuba, obtendo sucesso com suas obras. Em 1926, tiveram uma filha que morreu de difteria. O casal seguiu viajando com frequência entre Cuba e América, até se estabelecer in Greenwich

Village, onde nasceu a segunda filha, levada pelo pai à Havana para viver com suas irmãs, enquanto ele e Neel iriam viver em Paris. Mas ele vai sozinho e deixa a esposa sofrendo um colapso nervoso em consequência da traição, perda das filhas e do abandono.

### A FORÇA DA ARTE

A arte foi a mola propulsora para a recuperação da artista. Em 1931 pintava *beatniks* e boêmios, e preferia retratar momentos íntimos e corpos nus. O retrato de Joe Gould, um personagem do bairro, só foi mostrado em público quatro décadas depois e até hoje é banido pelo Google. Alice Neel pintava o que via no outro, sem subterfúgios e com muita coragem e destemor.

*“Quanto às pessoas que querem pinturas lisonjeiras de si mesmas, mesmo que eu quisesse, eu não saberia o*

que é lisonja”, escreveu Neel em 1976. “Para mim, como Keats\*” disse, “beleza é verdade, verdade, beleza ... Eu pinto para tentar revelar a luta, a tragédia e a alegria da vida.” (\*poeta John Keats)

Neel persistiu retratando as pessoas e o mundo ao seu redor enquanto Expressionismo Abstrato, Pop e Minimalismo eram os movimentos de arte do momento, o que contribuiu para o seu anonimato até os anos 60.

...“Suas pinturas foram uma colaboração, um derramamento de energia de ambos os lados – do sitter e do artista. Isso foi muito incomum, na época e agora – tantos artistas estão tão maravilhosamente investidos em seu ‘eu’ que sentem que o mundo desapareceria se não fosse por isso. Neel, por outro lado, acreditava que o mundo existia em seus próprios termos, e que era nosso dever – como cidadãos e como artistas – saber o máximo possível sobre ele (mundo), a fim de viver melhor e navegar nele. ...os retratos de Neel parecem dizer que o mundo não precisa do nosso sentimentalismo, mas do nosso interesse e empatia....”, escreve Hilton Als para a revista *New Yorker* em 2017. O catálogo da exposição tem uma carta escrita por ele à Alice Neel.

Alice nunca trabalhou em um espaço de estúdio, montava seu cavalete na sala, convidava amigos e pessoas que via na rua para posar e conversar. Na exposição, os extraordinários trabalhos de Neel são mostrados ao lado de material de arquivo da época, incluindo fotografias, cartas e filmes.

### BLACK DRAFTEE (JAMES HUNTER), 1965

O rosto de James Hunter pintado detalhadamente tem uma expressão distante, pensativa. Ele está sentado na cadeira listrada muito presente nos retratos de Neel. Só vemos o contorno do seu corpo, a pintura inacabada é uma metáfora representando todos os soldados convocados para a guerra do Vietnã e a incerteza do porvir. O soldado retornou aos Estados Unidos mas não voltou a posar para Neel.



Alice Neel, *Black Draftee (James Hunter)*, 1965  
© The Estate of Alice Neel

**ANDY WARHOL, 1970**

Em 1970 Andy Warhol pede à Neel um retrato mostrando suas cicatrizes. O homem que cunhou a expressão “*um minuto de fama*”, que controlava sua aparência com perucas e outros subterfúgios de disfarce, se desnuda e mostra uma vulnerabilidade jamais vista em nenhuma outra obra sobre ele. Alice Neel imortaliza o ícone da arte do século 20 em seu momento íntimo e vulnerável, porém retratado com dignidade pela empatia e respeito da artista.



Alice Neel, *Andy Warhol*, 1970 © The Estate of Alice Neel

**CARMEN E JUDY, 1972**

Carmen era sua vizinha; a filha, Judy, tinha complicações de saúde desde o nascimento (ela morre um pouco depois do quadro ser pintado). Ela permitiu que Neel a pintasse amamentando a filha pela intimidade que as duas tinham e talvez pela empatia de uma mãe que também teve uma filha doente. Na obra, Carmen está olhando na nossa direção e na da artista, suas mãos com ternura seguram a mão do bebê doente, cansada mais firme. A atenção aos detalhes é para mim um dos fortes de Neel. Os gestos, o olhar, as minúcias das roupas são quase palpáveis. A atenção está no retrato das personagens, o resto da pintura, muitas vezes inacabada, é proposital para que o foco seja sempre o sujeito(s). O que importa.

Alice Neel, *Carmen and Judy*, 1972

© The Estate of Alice Neel



### MARGARET EVANS PREGNANT, 1978

A gravidez aparece em alguma de suas pinturas. Nessa, Margaret está grávida de gêmeos, jovem e apreensiva. Sentada numa pequena cadeira amarela que enfatiza o tamanho de sua barriga com sua forma irregular e também dá uma sensação de desconforto para o seu corpo. No espelho, atrás da cadeira, vemos um reflexo mais velho, mais calmo de Margaret (ou será Neel?).



Alice Neel, *Margaret Evans Pregnant* 1978  
© The Estate of Alice Neel

Alice Neel teve quatro filhos; gravidez para ela era um fato básico da vida, parte da experiência humana. Dizia que pintores modernos evitaram sua representação

porque mulheres eram representadas como objetos sexuais. “*A mulher grávida tem uma reivindicação: ela não está à venda*”, disse a artista numa entrevista.

Em 1974, depois de várias décadas nas margens do mundo da arte, seus retratos foram atrasadamente reconhecidos pelo *Whitney Museum* de Nova Iorque. Hoje, Alice Neel é uma figura de culto, uma feminista, boêmia e conhecida ativista social.

Aos 80 anos, concluiu seu primeiro e único autorretrato nu – levou cinco anos para terminar. Sentada em sua cadeira de listras azuis e branco, em uma das mãos segura o pano alvo com que limpa seus pincéis e retoca detalhes na tela, quem sabe uma representação de paz na aceitação da idade. Na outra, segura um pincel, seu instrumento de vida afirmando sua dedicação invencível ao seu trabalho.

A coragem desse retrato, de se permitir ser artista e *sitter*, revelando seu corpo envelhecido e bravamente conquistando a espera dos cinco anos, materializa ali a presença de toda a sua glória.

Com o passar dos anos, Alice Neel ligava para os amigos e exclamava: “*Ainda estou viva*”.

Ouvi o eco desta frase na saída da exposição.

### SERVIÇO

#### Exposição *Alice Neel: Hot Off The Griddle*

Barbican Art Gallery, Londres

<https://www.barbican.org.uk/AliceNeel>

Até 21 de maio



Priscila Barbosa, *Indomesticável*

Foto: Divulgação

## “OFENSIVA”

Ativismo feminino é tema de individual inédita da artista visual, muralista e ilustradora Priscila Barbosa no Sesc Niterói / RJ

*Retratos de mulheres mesclados a elementos vinculados aos afazeres domésticos como símbolos de insubordinação. Assim a artista visual Priscila Barbosa constrói a narrativa que compõe as suas pinturas. A mostra será inaugurada dia 18*

O intuito é provocar o espectador através da oposição: seus trabalhos refletem a pesquisa sobre a qual tem se debruçado nos últimos anos, acerca das fronteiras entre vida doméstica e pública, “dilema” que vem sendo incutido às mulheres há séculos.

*“Criei imagens que à primeira vista sugerem a docilidade esperada do gênero feminino, reforçadas pelos tons rosados, uma característica da minha produção, mas que revelam atividades de insurgência e rebeldia. Pintar elementos da vida doméstica aliados a atividades revolucionárias sugere um diálogo entre a vida privada e a vida pública, uma forma de repensar os territórios que nos são oferecidos”, diz a artista. “A ideia é justamente burlar a separação entre o pessoal e o político, reafirmada pelo isolamento que sofremos quando relegadas à particularidade do interior de uma casa cuja manutenção nos drena há gerações”, conclui.*

Pintar o doméstico, os utensílios de cozinha, a decoração artesanal em meio a afazeres que sugerem ações táticas revolucionárias e bélicas vislumbra um cenário em que a casa seja colocada como centro de atividade comunitária, de sociabilização e, principalmente, de coletivização do trabalho reprodutivo. Além dos trabalhos apresentados dentro da sala de exposições, será realizado um mural na parede externa, de maneira que a

temática abordada rompa as fronteiras arquitetônicas e mantenha a discussão sobre o privado e o público. O



Priscila Barbosa, *Trabalhadoras do Mundo*

Foto: Divulgação

muralismo é um dos pilares da carreira de Priscila Barbosa, que atua na arte urbana brasileira honrando as tradições do muralismo latino e levando discussões políticas para as ruas e espaços abertos.

### “LE COLORS FESTIVAL PARIS E “LES3MURS”

A iconografia da mulher revolucionária contemporânea com foco na América Latina é objeto de investigação da artista visual paulistana Priscila Barbosa há algum tempo. Em fevereiro, Priscila, que também é muralista e ilustradora, viu seu mural intitulado “*Levante-se*” repercutir no “*Le Colors Festival Paris*”, um dos maiores de arte urbana, que este ano ocupou 4.500m<sup>2</sup>, reunindo cerca de 80 artistas do segmento. O trabalho permanece em exposição até dezembro de 2023 e propõe uma reflexão sobre a relação entre as mulheres do cotidiano na construção do feminismo e da postura revolucionária. Ela acaba de participar de outro grande projeto na França – o “*Les3murs*” –, que busca dar visibilidade a artistas latino-americanos por lá. Em “*Latinas Fervilhando*” a artista criou seu autorretrato em uma perspectiva de ataque, como se pudesse ser seguida pelos espectadores por trás.

### SOBRE PRISCILA BARBOSA

Priscila Barbosa é artista visual, muralista e ilustradora paulistana. É graduada em Artes Visuais pela Belas Artes e possui extensões em Masculinidades Contemporâneas, Feminismo Pós-colonial na América Latina e O Estado e o Corpo, todos pela PUC/SP.

### SERVIÇO

**Exposição “Ofensiva” – Priscila Barbosa**

*Abertura:* 18 de março, sábado, às 14h

*Visitação:* de 20 de março a 31 de maio

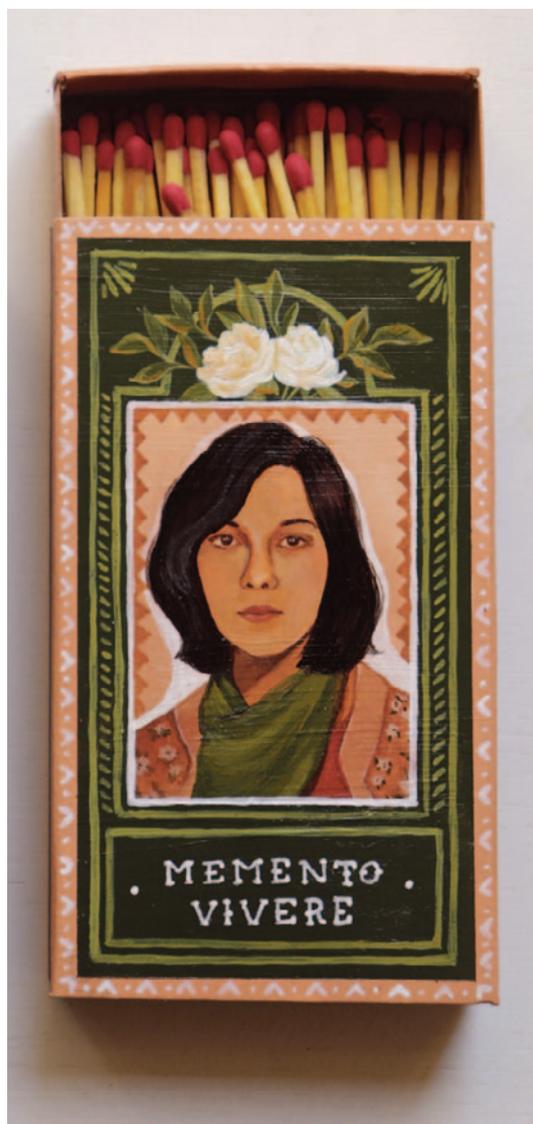
*Local:* Sesc Niterói – Rua Padre Anchieta, 56, São Domingos, Niterói / RJ

*Funcionamento:* de terça a sábado, das 10h às 16h

Entrada gratuita

*Contatos da artista:* [@priiii\\_barbosa](https://www.instagram.com/priiii_barbosa)

<https://priscilabarbosa.com>



Priscila  
Barbosa,  
*Memento  
Vivere*  
Foto:  
Divulgação



Teatro L'Occitane

Foto: Divulgação

MARISA MONTE, ALCIONE  
E ORQUESTRA SINFÔNICA DA BAHIA  
PARTICIPAM DA  
9ª EDIÇÃO DO MÚSICA EM TRANCOSO – MET

*Depois de longa pausa em razão da pandemia, o Música em Trancoso retorna renovado. Entre os dias 14 e 18 de março reunirá o melhor da música erudita e popular brasileira no Teatro L'Occitane, produtor do evento realizado por seu braço filantrópico, o Instituto Terravista*



Marisa Monte

Foto: Leo Aversa



Alcione

Foto: Divulgação

A edição de 2023, com cinco dias de atividades, destaca a estreia de artistas e músicos brasileiros no Festival e no Teatro: a Orquestra Sinfônica da Bahia – OSBA, nos dias 14, 15, 17 e 18/3 (14, Igreja do Quadrado, e 18, Praça do Bosque, em apresentações gratuitas); Alcione, no dia 16; e Marisa Monte, que encerra a programação, no dia 18.

A música clássica permanece como um dos pilares do festival, nesse ano representada pela Orquestra Sin-

fônica da Bahia – OSBA, que já se apresentou com grandes nomes da MPB e da cena erudita, com uma formação de 70 músicos. Além das apresentações no Teatro L’Occitane, palco do Festival, com capacidade para mais de mil pessoas, a OSBA realizará matinê gratuita para moradores locais e visitantes, na Praça do Bosque. Músicos da orquestra também irão promover masterclasses, nas salas do teatro, e aulas de iniciação musical, nas escolas públicas, em continuidade às ações socioeducativas.

*“O Música em Trancoso apresenta um novo formato com o propósito de valorizar a música popular brasileira. Com certeza essa revitalização atrai novos públicos, além dos já cativos, que ficarão encantados com a festa musical que preparamos para 2023”, diz Reinold Geiger, presidente do Teatro L’Occitane. “Queremos atrair novos patrocinadores e parceiros para apoio aos eventos anuais, transformando o Teatro em um espaço sustentável e permanente de cultura e ações socioeducativas, voltadas, principalmente, para a comunidade local”.*

Para Sara Bittencourt, gerente de marketing do MET, a realização do festival entre o Carnaval e a Páscoa estende a alta temporada na região, movimentando o setor de turismo, com seus serviços, pousadas, restaurantes e lojas. *“É efetivamente um estímulo econômico muito importante para a comunidade”.*

## **SOBRE O MÚSICA EM TRANCOSO**

Idealizado para se tornar um instrumento de evolução social, cultural e econômico do Sul da Bahia, o Música em Trancoso faz parte do calendário nacional de cultura desde 2012. Reúne, em um dos destinos turísticos mais icônicos do país, artistas exponenciais do Brasil e da cena mundial, além de promover atividades socio-culturais gratuitas para os moradores da cidade, como concertos ao ar livre, aulas de iniciação musical para crianças de escolas do ensino público e masterclasses com músicos renomados. Em oito edições, foram 64 apresentações, reunindo um público de mais de 70 mil

pessoas. A expectativa na retomada do festival é atrair um público pagante de 4.200 pessoas.

## **SOBRE O TEATRO L’OCCITANE**

O Teatro L’Occitane foi projetado inicialmente para ser a sede do Música em Trancoso – MET e receber outros eventos multiculturais durante o ano todo. Inaugurado em 2014, com capacidade para receber um público de mais de mil pessoas, tem dois palcos e duas plateias sobrepostas, do mesmo tamanho e formato, para apresentações ao ar livre e em ambiente fechado. Projetado pelo arquiteto luxemburguês François Valentiny, tornou-se um complexo arquitetônico único em meio à natureza exuberante da região. Sob nova direção, o Teatro L’Occitane atualmente é gerido por três mulheres: Letícia Maciel, Administrativo-financeiro, Isabel Arruga, Produção, e Sara Bittencourt, Marketing.

## **SERVIÇO**

### **Festival Música em Trancoso – MET**

14 a 18 de março

Ingressos: <https://www.ingresse.com/>

Toda a programação, horários e preços em:

<https://teatroloccitane.com.br/musica-em-trancoso-2023/>

Dia 14 – Concerto na Igreja do Quadrado (gratuito)

Dias 15, 16, 17, 18 – Teatro L’Occitane

Dia 18 – Praça do Bosque (gratuito)



# EM SÃO PAULO, EXPOSIÇÃO DE ARTESÃOS DA SEMANA CRIATIVA DE TIRADENTES

*Festival mineiro ganha mostra  
na sede do Museu A CASA, em Pinheiros,  
durante o DW! e a Expo Revestir,  
estendendo-se até maio*

À esquerda, colheres de pau  
do artesão Rondinely Santos;  
à esquerda, cabideira do artesão  
Vasique Leôncio  
Fotos: Divulgação



“Artesanato Contemporâneo: A CASA recebe a Semana Criativa de Tiradentes” é o nome da mostra que inaugura a primeira exposição do Museu A CASA do Objeto Brasileiro em 2023. A mostra inédita, com estreia em 11 de março, apresenta os desdobramentos das imersões realizadas entre artesãos mineiros e designers convidados nas seis edições do festival que acontece na cidade histórica de Tiradentes, em Minas Gerais, no mês de outubro.

A ideia é revelar ao público como a troca de conhecimentos proporciona novas perspectivas aos trabalhos de cada um dos profissionais, estimulando a criatividade e melhorando a qualidade de vida.

Com curadoria da jornalista Simone Quintas, idealizadora do projeto em parceria com o produtor cultural Junior Guimarães, e expografia do arquiteto Alexandre Rousset, o evento reúne cerca de 70 móveis e objetos produzidos com diferentes técnicas por artesãos locais.

São eles: Deise e Fabio Reis (Imperial Estanho), Eliana Maia, Maria da Conceição de Paula, Nôca e Bela Ladeira, Raimundo Nonato, Rondinely Santos, Vasique Leôncio e Wagner Trindade.

No sábado da inauguração, acontece uma mesa redonda, mediada pela jornalista Regina Galvão, com os idealizadores do festival, os artesãos Eliana Maia e Wagner Trindade, e designers participantes.

A tecelã Eliana Maia também mostrará sua técnica *in loco*.

Toda a seleção de peças se encontra à venda e a loja do Museu reúne produtos do artesanato de Minas Gerais. Na programação, há ainda oficinas de entalhe



Em cima: Lustre do artesão Wagner Trindade  
abaixo: Mesinha do artesão Nonato

Fotos: Divulgação

de madeira, com o artesão Rondinelly Santos, e de pedra-sabão, com o mestre Expedito Jonas de Jesus.

A mostra é uma das principais atrações da Semana de Design de São Paulo, o DW!, e também dá oportunidade ao público de outros estados, que visitam a Expo Revestir, de conhecer mais sobre esse festival que enaltece o artesanato de raiz e seus protagonistas.

## SERVIÇO



Luminária Passarim da artesã Maria Conceição de Paula

## Exposição “Artesanato Contemporâneo:

### A CASA recebe a Semana Criativa de Tiradentes”

*Local:* Avenida Pedroso de Moraes, 1216, Pinheiros, São Paulo / SP

*Período:* de 12 de março a 7 de maio, de terça a domingo, das 10h às 18h30

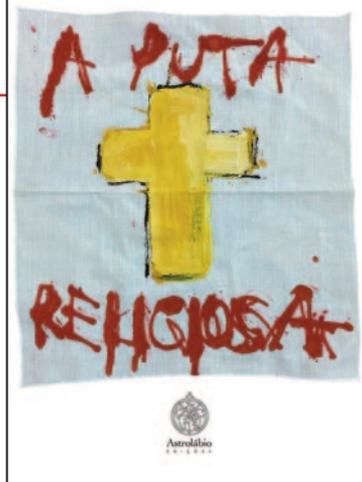
*Informações para o público:* [contato@acasa.org.br](mailto:contato@acasa.org.br)

(11) 3814-9711 | 94254-1179 (Whatsapp)



Bule da Imperial Estanho

Fotos: Divulgação



## A PUTA RELIGIOSA, Terceiro romance da escritora Lilia Refle será lançado dia 1º de abril

Lilia Refle é uma escritora que mantém a inspiração da sua escrita intrinsecamente ligada à subjetividade dos âmbitos mais profundos da alma-humana, uma espécie de escrita psicanalítica que impulsiona o leitor a questionar o inquestionável. Contudo, *A Puta Religiosa* traz essa subjetividade implícita nas suas entrelinhas, deixando na mão do leitor trazê-la, ou não, à tona.

Um romance atípico aos dois anteriores publicados pela jovem escritora – *Primeiro Amor* e *Inquieta*. Segundo Lilia, escrever não pode ser uma escolha. Nasce-se com a capacidade da escrita ou não, “*resta, então, escolher o que fazer desse doloroso dom. Sim, acho que sou escritora*”.

Embora seja negra e advinda de uma classe social miserável, Lilia optou por não dar uma cor à sua literatura. “*Já é demasiadamente árduo carregar a cor da minha pele, em uma sociedade escravocrata. Não quero também ter que carregar a cor da minha escrita*”.

### SINOPSE

*A Puta Religiosa* traz uma reflexão densa e arduamente profunda acerca da sociedade contemporânea – os seus extremos entre poder, fome e o fanatismo religioso roubando vidas, realidades e liberdades. Sebastiana – a protagonista do romance – é uma moça nordestina de origem social miserável que vê, na inércia religiosa, a esperança de uma vida digna em um

paraíso eterno, tornando-se incapacitada de enxergar que “Os Deuses vendem quando dão” e que colocar o poder da escolha unicamente na mão do outro, sendo esse divindade ou não, é a maneira mais covarde de abdicar da própria vida.

Com uma mãe alcoólatra, uma irmã caçula dependente química, desde a sua pré-adolescência, e uma ausência paterna enorme, a protagonista desse romance esmagador procura no pentecostalismo a solução para ser nada mais que uma sobrevivente – em meio a todas as suas tragédias de vida e da falta dela. Entre roubos em boutiques caras e a carga de ser a filha exemplar, Sebastiana parte para a Cidade Maravilhosa destinada a prostituir-se. Assim, a menina vive uma vida dupla entre a Santa e a Puta, tornando-se a prostituta mais requisitada da 65 – o puteiro de luxo, no qual trabalha. Prestes a casar-se com um senador – o seu cliente mais poderoso – Sebastiana vê-se duvidosa da sua capacidade de ser amada, tendo as palavras da mãe tatuadas na alma – “*amar é ficar com alguém, mesmo sabendo que seria melhor ir embora*”.

### OBRA

#### A Puta Religiosa

Autor: Lilia Refle

Preço: R\$ 45,90

Páginas: 74

Grupo Editorial Atlântico

Arte

Cultura

Gastronomia  
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra  
notícias boas*

**OXIGÊNIO**  
revista

Seus clientes  
ou sua empresa  
têm boas notícias  
para dar?

Então o lugar é aqui.

**ANUNCIE.**

Solicite nosso Mídia Kit.

[oxigeniorevistabr@gmail.com](mailto:oxigeniorevistabr@gmail.com)

(21) 3807-6497 / 97326-6868